



## **Nildo Ouriques, discípulo de Ruy Mauro Marini, detona os cipayos esclarecidos de São Paulo**

Gilberto Felisberto Vasconcellos<sup>1</sup>

### **Resumo**

O texto discute a contribuição da crítica contida no livro de Nildo Ouriques, "O colapso do figurino francês", e sua relação com os problemas do subdesenvolvimento brasileiro, o colonialismo e a falta de um pensamento próprio latino-americano.

**Palavras-chave:** Colonialismo, desenvolvimento, cultura.

## **Nildo Ouriques, discípulo de Ruy Mauro Marini, detona los cipayos esclarecidos de São Paulo**

### **Resumen**

El texto discute la contribución de la crítica contenida en el libro de Nildo Ouriques, "El colapso del figurín francés", y su relación con los problemas del subdesarrollo brasileño, el colonialismo y la falta de un pensamiento propio latinoamericano .

**Palabras llave:** Colonialismo, desarrollo, cultura.

## **Nildo Ouriques, disciple of Ruy Mauro Marini, detonates the cipayos cleared of São Paulo**

### **Summary**

The paper discusses the critical contribution presented in the book by Nildo Ouriques "O colapso do figurino francês" and its relation with the issue of the Brazilian underdevelopment, colonialismo and the absence of a Latin American thought.

**Keywords:** Colonialism, development, culture.

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), escritor e ensaísta.

Os cientistas sociais temos a obrigação de submeter à apreciação crítica o corajoso livro de Nildo Ouriques que faz a anatomia do poder cultural de São Paulo. Beleza de livro, herético, concebido com liberdade e zelo pelo estilo, o que é raríssimo entre economistas e sociólogos que padecem de impotência quanto à expressão linguística. Nele não há a psicologia vaselina do “bendigo a tutti” e o horror do confronto intelectual. A propósito, pela primeira vez na prosa nildouriquiana surge Oswald de Andrade investindo contra o colonialismo interno paulista um ano depois de deflagrada a Semana de Arte Moderna de 22.

Feuerbachiano, possivelmente sem ter lido Feuerbach, livre dos cânones católicos e protestantes, Oswald de Andrade entendeu que o padre latino foi o primeiro ideólogo que trouxe a escolástica, fonte de todos os males futuros nas letras e Forças Armadas. O único escritor da Semana de Arte Moderna que se tornou marxista e comunista. Paradoxalmente foi ignorado pelos marxistas e comunistas colonizados. Deixaram-no roendo beira de pinico.

Com enorme prestígio na década de 30, Luis Carlos Prestes curtia Mário de Andrade, que foi a favor do separatismo paulista, tido como autor imprescindível à construção de uma sociedade socialista. Antônio Cândido não é tematizado no livro de Nildo Ouriques. O crítico mineiro democrático socialista liberal reticente ao nacionalismo varguista deixou no ar a identificação marxismo e stalinismo. Fundador do Partido dos Trabalhadores junto com o nordestino Mário Pedrosa e o carioca Sérgio Buarque de Holanda.

A gestação da hegemonia cultural paulista foi plenamente configurada depois do golpe de 64. Este recebeu empurrão da FIESP norteamericanizada, de acordo com a análise feita por Gunder Frank no calor da hora para o jornal *The Nation*. Por isso o autor do livro *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento* virou o maior enguiço nas ciências sociais da USP, UNICAMP e IUPERJ, enfim, em todos os mocós departamentais dos brasis universitários, inclusive na crítica literária (tal qual o “fedôr” Oswald de Andrade, segundo Glauber Rocha), bicado, mas escondido debaixo do tapete, a não ser pelo liberal iluminista José Guilherme Merquior do Itamaraty (indo ao encontro de Roberto Campos na London Tavern tropicalista) que abriu o jogo contra Gunder Frank como o estraga festa do “capitalismo popular” na América Latina. É essa a acepção do enguiço Gunder Frank que mostrou o erro dos sociólogos dualistas que separam o Brasil moderno do Brasil arcaico, e que no fundo são conformistas com a dualidade metrópole-colônia. Para os intelectuais iracundos colocou a seguinte questão: o nacionalismo sem a classe operária é reacionário.

### **Frank, Glauber, Oswald**

Gunder Frank no século XX durante a Guerra Fria foi perseguido pela direita, Ruy

Mauro Marini era o espectro revolucionário da classe operária, sem o CEBRAP anti-POLOP que se opunha ao Cinema Novo marxista e Terceiro-mundista de Glauber Rocha.

Nildo Ouriques apontou os dois proscritos (Frank e Marini) com a hegemonia cultural de São Paulo. Esta antes já havia sido construída pela oligarquia cafeeira afrancesada e pelo barão Mesquita no projeto USP, com o espírito constitucionalista do 32 anti-Vargas da burguesia bandeirante “for-export” e balkanizadora da América Latina.

Não acredito que os professores importados da França tivessem vindo pra cá com o objetivo de exercer o colonialismo interno de São Paulo. O melhor deles, jansenista, hegeliano, fascinado pela África, estudioso de Leo Frobenius e Luis da Câmara Cascudo, Roger Bastide (embora metido com a patota entreguista do jornal “O Estadão”) descolonizou-se em contato com as mães de santo do candomblé e foi crítico do cogito racionalista desenvolvimentista de São Paulo. Para ele, Getúlio Vargas era o xangô da política.

Quanto à compreensão do nacionalismo varguista, em contraposição ao weberianismo constitucionalista de 32, Roger Bastide foi mais profundo que Oswald de Andrade atrelado ao partidão stalinista. Somente no final da vida (morreu em 1954, o mesmo ano do “pistoleiro Vargas”, na imagem do caubói solitário à John Ford) é que Oswald de Andrade começou a fazer autocrítica em relação ao seu anti-varguismo que, o aproximou da UDN ao participar do Congresso dos escritores em 1945. Congresso bancado pela Standard Oil liberal lacerdista que contou com a participação de Caio Prado Junior. É recorrente a presença da Standard Oil de Carlos Lacerda, Moreira Salles a FHC. Rockfeller é a grande vedete venerada no CEBRAP e IUPERJ o demiurgo da democracia e doador de becas de estudo para os Estados Unidos.

Oswald de Andrade foi amigo do presidente Washington Luís, padrinho de seu casamento com Tarsila do Amaral; outra mulher com quem se casou, Pagú, esteve presa e torturada, mas o que pesou mesmo em seu anti-getulismo foi o partidão, cujo stalinismo na União Soviética interditou no mundo inteiro a crítica de Trotsky à burocracia.

Nas cartas trocadas com Mário de Andrade, o jornalista Carlos Lacerda se deu bem no Rio de Janeiro (morreu rico) porque apaulistou-se na UDN norteamericana. Estigmatizou o Estado Novo fascista. O inimigo deste eram os Estados Unidos democráticos. De 1935 a 1941 mudou de pele política: de comunista (sem o menor conhecimento acerca do marxismo) virou liberal. Carlos Lacerda declarou várias vezes que a adesão ao liberalismo foi por causa do Estado Novo de Vargas. Em 1941 já estava dando sua colaboração para o Instituto Interamericano no Rio de Janeiro, mais tarde em 1945 organizou o Congresso dos escritores anti-getulistas em São Paulo. Em 1940 Nelson Rockfeller (fundador da CIA) formulava a política externa dos Estados Unidos para a América Latina, sendo proprietário da Standard Oil

com ramificações no Chase Manhattan e City Bank.

Juan José Hernández Arregui em *Peronismo y Socialismo* denunciou que por cada dólar investido na América Latina Rockefeller embolsava cinco dólares. Claro que alguns desses dólares foram engordar a conta democrática dos que combatiam o Estado Novo. Esses liberais e republicanos, combatentes e guerreiros da democracia, organizaram o golpe de 64 que derrubou João Goulart. A explicação deve ser buscada na história, e não na personalidade individual. A hegemonia paulista está estranhada no democratismo anti-Vargas de Carlos Lacerda, o prototucano espiroqueta. Se juntar Carlos Lacerda (tucano) com Mário de Andrade (PT), tem-se a gênese cultural do petucanismo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Com ramificação nas ciências do Cebrap e Iuperj.

Francisco Weffort, dando uma de marxista para a platéia, dava aulas na USP sobre *O Dezoito Brumário* de Karl Marx, esperando que Lula surgisse, e de fato surgiu; depois o professor anti-populista se bandeou para FHC, o portador do “empirismo cínico”, como dizia Trotsky em *O Organizador de Derrotas*. É que o cinismo político é o traço psicológico do animal tucano. A fraseologia de Lula no início dos anos 80 foi inspirada pela leitura superficial que fez Francisco Weffort de *O Dezoito Brumário* na contraposição entre sociedade civil e Estado. Nela estava embutida a falácia do representante e do representado. Com o operário de carne e osso, não mais haveria populismo nos representantes dos trabalhadores. O proleta c'est moi! Weffort depois se cansou dessa fantasmagoria e foi fuçar o fundo do embornal de FHC, o líder dos intelectuais. Para Weffort, Leonel Brizola era o cão morto na história. Lula ficou deslumbrado com a simplista polaridade entre Estado e sociedade civil. Os sociólogos entusiastas da sociedade civil dariam força para a privatização liberal de Collor. A sociedade civil no léxico petucano converteu-se em ideologia anti-estatizante. Depois proliferou a retórica da “ética na política”. O capitalista foi visto como um cidadão moral e a corrupção como o motor da história.

### **Abajo a Leon Trotsky**

Como todos os intelectuais influenciados pelo Kremlin stalinista, Oswald de Andrade cometeu o equívoco (por desconhecer a reflexão de Trotsky sobre o fascismo) de identificar Vargas com Mussolini. Sem dúvida foi mais isso que a questão da burguesia industrial paulista, que aliás não se deu mal com o primeiro governo Vargas, como mostrou Ruy Mauro Marini. Em 1945 Oswald de Andrade embarcou na antítese “democracia versus fascismo” do stalinista Earl Browder, para quem o capital estrangeiro iria ajudar os povos atrasados. A máscara da democracia aparecerá com o stalinismo anti-Perón na Argentina e com o PC

brasileiro contra Vargas, e também com a prosápia de FHC (Pentágono-Cebrap) na contraposição “autoritarismo versus democracia”.

O polígrafo Franklin de Oliveira, maranhense que conhecia muito bem o Rio Grande do Sul, amigo de Paulo Schilling, leitor de Paul Baran e Paul Sweezy, acusou o desenvolvimentismo de JK, coadjuvante da *Motion Picture* roliudiana, como a consagração do colonialismo interno paulista. Prefaciado em seu livro *Rio Grande do Sul o Novo Nordeste* por Leonel Brizola, então governador dos gaúchos, na vanguarda da desprivatização na América Latina. O governador do Rio Grande do Sul enraiveceu as multinacionais Bond and Share e ITT, antes do nacionalismo reformista de Fidel Castro converte-se em marxismo revolucionário. Franklin de Oliveira (discípulo de Manuel Bonfim e crítico da eurocêntrica Semana de 22) evidenciou a conexão entre o desenvolvimento no centro e subdesenvolvimento na periferia com o aprofundamento da estrutura regional desigualitária.

Com JK a burguesia industrial bandeirante surge como agente da acumulação dependente e representante político do capital monopolista estrangeiro, cujo desdobramento será o golpe da FIESP de 1964, que não aconteceu de súbito como um raio no céu azul. Em seguida ao livro de Franklin de Oliveira é que Gunder Frank, opondo-se à interpretação do golpe de 64 como consequência política da Guerra Fria, chamou a atenção para o colonialismo paulista sem deixar no entanto de realçar que o todo determina a parte, pois a causação do processo social estava na acumulação mundial. O grande historiador uruguaio Vivian Trias, o mestre do brizolista Paulo Schilling, concordava com Frank que o *boom* do capitalismo norte-americano com alta taxa de investimento data nos finais dos anos 40 até 1973, período no qual ocorreram os golpes de Estado na América Latina comandados por Washington e as empresas multinacionais. Sem deixar de referir-se à Indonésia, Vietnam e República Dominicana com intervenção direta. O golpe de 64 colocou o Brasil como o intermediário entre os EUA e a América Latina. Regionalmente no Brasil é São Paulo o principal satélite contra as forças populares e nacionalistas do continente. Vivian Trías e Paulo Schilling focalizaram o expansionismo subimperialista do general Golbery na década de 70. A estratégia da burguesia bandeirante na América Latina foi aplaudida por todos os proprietários de jornais em São Paulo e Rio de Janeiro. Nessa época o CEBRAP e os figurões acadêmicos paulistas, segundo a certa observação de Nildo Ouriques, eram coniventes com o desenvolvimento da dependência por causa das benesses, forrando o espírito paroquial das ciências sociais. O sociólogo virou o sucedâneo do bacharel.

Golbery, o general anti-getulista desde 1952, pró-geopolítica norte-americana, adversário de Perón, foi na década de 70 em São Paulo o artífice oculto e dissimulado do

rearranjo partidário que, ao tirar o PTB das mãos de Leonel Brizola dando-o à sobrinha medíocre de Getúlio, Ivete Vargas, favoreceu o colonialismo paulista ao fraturar a representação nacional do trabalho ensejando a aparição de Lula, o qual surgiu na cena política com todos os holofotes midiáticos como se fosse um cantor pop estilo Mick Jagger. Na imprensa Lula veio ao mundo como uma *commodity*, e não se rebelou contra isso porque a mercadoria para ele é uma coisa tesuda e sedutora. A propósito, o léxico marxista contrário à “mercadoria”, ao “lucro”, ao “imperialismo” não tem a mesma semântica na decodificação popular, que vê com bons olhos e aprecia a palavra “mercadoria” a ponto de chamar a própria esposa de mercadoria, bela e apaixonada mercadoria.

### **A culpa não é de Roger Bastide**

O francês Roger Bastide foi o fundador do curso de ciências sociais na USP. Compreendeu que a particularidade cultural de São Paulo era o confronto entre escrita e oralidade. A liberação da oralidade (a despeito do projeto modernista de 1922) ficou pela metade por não ter incorporado a dicção do negro. Alertou para a função colonizadora das sucessivas “teorias” do desenvolvimento, em que o nosso país sempre leva a pior com o seu “capitalismo tardio”, o seu destrambelhado “atraso estrutural” e suas malfadadas “idéias fora do lugar”. Roger Bastide não deixou de registrar que o sangue dos negros africanos fez a grandeza de Liverpool. Escravidão salarial dissimulada na Inglaterra, escravidão sem disfarce no Novo Mundo.

Karl Marx havia sublinhado o regime colonial na gênese do processo de acumulação na metrópole. Do regime colonial ao crédito. A “bancocracia moderna”. A descoberta das minas de ouro e prata nas Américas. Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra. Do século XVI ao século XVIII. A colonização foi um processo violento realizado sob o manto cristão. No livro *A Miséria da Filosofia* o Brasil é citado (“a escravidão direta é o pivô da indústria burguesa (...). São as colônias que criaram o comércio do universo, é o comércio do universo que é a condição da grande indústria”). Marx diz – não sem uma pitada de ironia – que Deus foi o primeiro industrial do mundo.

Lamentável que a sociologia no Brasil tivesse dado bye-bye ao transe descolonizador de Roger Bastide, que compreendeu a importância cultural da oralidade. É na fala que nasce a ideia. A conversa é fonte da inteligência popular. Para o negro brasileiro, a palavra falada é técnica de expressão e pensamento. A linguagem do negro: voz, gesto, frase. Roger Bastide percebeu que nas ciências sociais não havia identificação com a fala das camadas populares. A Semana de Arte Moderna é criticada por causa do recalçamento da estesia afro-brasileira.

Em *Brasil Terra dos Contrastes* o sexo do intelectual paulista é feito de influxo exógeno. Copular com a *putain* francesa, não com a mucama. O conceito de Wilhelm Reich de que o sexo é político aparece aí evidenciado. O corpo subimperialista precisa do supositório externo para excitar-se internamente, digamos, é enrrabado por fora e assim torna-se viril para dentro. De Borba Gato ao Rei da Vela. A pulsão bandeirante bissexual não distingue o ânus do pênis quando se trata de poder e dinheiro. Roger Bastide em suas análises culturais era chegado a misturar psicanálise com sociologia.

Roger Bastide escreveu *A Sociologia do Folclore Brasileiro*. Ao contrário do que encontramos na Bahia, Recife, Alagoas e até mesmo no Rio de Janeiro, não há em São Paulo culto africano organizado. “O negro aqui assimilou inteiramente os valores do branco”. A sociologia do negro realizada em São Paulo afastou a aproximação do pesquisador como o objeto de pesquisa. Segundo Roger Bastide “não houve no sul a mesma fraternidade racial que no norte”. Eis o *ethos* paulista: “as relações entre brancos e gente de cor não se fizeram no clima cálido do sensualismo das províncias do açúcar, nem apresentam a mesma doçura amorosa”. Acrescenta: “Não nos esqueçamos de que o catolicismo de São Paulo, ao contrário do Nordeste, tem caráter jansenista”.

A sociologia que começa tematizando o negro termina paparicando o empresariado paulista. “A prostituição, ou mais exatamente o que é chamado de alta prostituição, substitui, nessa aristocracia, os amores rústicos com as negras nas moitas de bananeiras. Foram francesas (que aliás não eram sempre naturais da França) que substituíram, nas casas de *rendez-vous* de fim do Império e do início da República, as mulatas tão apreciadas nas outras regiões do país”. Para Roger Bastide “a ama-de-leite, essa segunda mãe negra, não desempenha mais esse papel capital de aproximação entre as cores, de ligação afetiva entre as raças; é substituída pela governanta francesa ou alemã”. O folclore estudado por ele foi substituído pela sociologia do desenvolvimento, na versão PMDB, tucana e PT. No bairro Bom Retiro (bairro estudado por Florestan Fernandes) o valor de uso do Sacy-Pererê passou a ser alvo de motejo. Em São Paulo o valor de troca fundamentou a linguagem instrumental das ciências sociais.

A internacionalização automobilístico realçou a expressão regional e a linguagem coloquial. “O paulista não gosta de árvores, prefere os relvados verdes à inglesa, ou os maciços de flores”. Roger Bastide interpretou o Estado Novo de 1937 como a desforra do Brasil contra São Paulo. Nisso coincide com a interpretação de Glauber Rocha e Jorge Abelardo Ramos: adolescente estudando em Ouro Preto, Getúlio Vargas descobriu o coração do Brasil (origem da *Carta Testamento*) contemplando os profetas de Aleijadinho. O futuro,

dizia Pier Paolo Pasolini, é previsível, mas não a história. A força anti-vargas gerada no Estado Novo deu a coordenada para o golpe de 64. É curioso que nesse ano Hebert Marcuse, na linha de Lukács, desanca a sociologia de Max Webber, o Marx da direita, segundo Gunder Frank.

### **Ódio ao plebeu Ruy Mauro Marini**

Nildo Ouriques teve a sorte de pós graduar-se no México, privou com a fina flor da esquerda latinoamericana e merece ser elogiado por lembrar que Ruy Mauro Marini, odiado pela dupla FHC e José Serra (nunca foi objeto de análise do mestre Florestan Fernandes), considerava monstruosidade o desenvolvimento com dependência, cujo fundamento é a superexploração da força de trabalho. Lendo a anatomia do colonialismo de São Paulo feita por Nildo Ouriques (*O Colapso do Figurino Francês*), eu achei que havia aí o propósito de harmonizar os dois plebeus das ciências sociais: Ruy Mauro Marini e Florestan Fernandes. Em meio à admiração por esses dois autores, surge inevitavelmente FHC como uma espécie de exu a atrapalhar a sinfonia nildiniana. Em meados da década de 70, à semelhança do bico de siri mantido pelo economista Chico de Oliveira, Florestan Fernandes, que sempre mimou o seu discípulo “fera” FHC, não saiu em defesa do conceito marxista de superexploração da força de trabalho elaborado por Ruy Mauro Marini, o plebeu de Barbacena que nas ciências desponta sob a benfeitoria inteligente de outro plebeu, este do recôncavo baiano, Guerreiro Ramos, que ingressou na política pela suplência do deputado Leonel Brizola, tal qual outro trabalhista, o marxista Roland Corbusier, colega isebiano de Álvaro Vieira Pinto e crítico do colonialismo de São Paulo. O filósofo paulista Roland Corbusier, exímio conhecedor de Hegel, passou em brancas nuvens na USP filosófica porque denunciou o espírito burocrático jesuítico na capital dos cômegos, como dizia Oswald de Andrade. O que é “desde fuera” é o “desde dentro”, em termos de poder econômico e político, ficou difícil de ser discernido com na história do Brasil e a pátria de 1964. O pacote colonialista se avolumou ainda mais no tempo e espaço, concentrados em Wall Street e Paulista Avenue. Não é senão por causa dessa realidade objetiva que de Florianópolis, satélite da São Paulo submetrópole, surge a investigação de Nildo Ouriques a respeito da indumentária mental do Brasil universitário como um todo. O figurino é a metáfora da transplantação cultural ou, como se dizia antigamente, da transplantação oceânica. Hoje dir-se-ia que não é mais pelo mar, pois a mentalidade colonizada se faz por cibermimetismo. Para existir figurino é preciso que haja alfaiate repercutor da moda. E atualmente a moda do capital é gringa, deixou há muito de ser francesa.



### Sobremesa e Café

Em seu romance *Marco Zero* da década de 40 Oswald de Andrade deixou claro que a revolução de 30 foi contra a hegemonia de São Paulo. Então, perguntava, todo paulista deveria odiar Getúlio? Interpretou o constitucionalismo de 32 pelo seguinte prisma: “é a volta do jesuíta das missões do sul para abater o bandeirante”. A vitória de Getúlio Vargas foi identificada com a gauchada das missões: “o bandeirante teve o seu canto de cisne”. Acontece que 30 deu força para a burguesia industrial de São Paulo, antes disso o que existia era burguesia mercantil. O Estado Novo de 1937 fortaleceu a federação e, ao mesmo tempo, o poder central ajudou a hegemonia paulista, o capital na agricultura foi empregado na indústria, não houve contradição entre latifúndio e burguesia industrial. Segundo Oswald de Andrade, a depressão psicológica foi o móvel do 32 constitucionalista.

Getúlio Vargas não deveria ser mal visto pela burguesia industrial paulista durante o Estado Novo. E não foi. Apenas em 1945 é que passou a ser antipático para o imperialismo norteamericano, aí então a burguesia paulista palmilhou o caminho de 1954 e o de 1964. Na Fiesp o nome Getúlio Vargas passou a ser palavrão, mas antes a burguesia industrial foi impulsionada pela revolução de 30, em seguida reforçada pelo Estado Novo de 37. A acumulação bandeirante de capital não foi puramente endógena. Essa ilusão da burguesia soberba foi desmontada por Gunder Frank em *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento* e por Paulo Schilling em *Brasil para Latifundiários*. A expansão industrial de São Paulo se originou com capital de outras regiões. Ademais, a indústria de São Paulo é estrangeira, feita por uma burguesia cosmopolita que consegue dar aos seus assalariados melhor remuneração. A classe operária de São Paulo compraz-se com a exploração das regiões mais atrasadas do país, e isso não deixa de ter conseqüência na luta de classes. É que para competir com a indústria de São Paulo a burguesia de outras regiões tem de aumentar a exploração dos trabalhadores.

Os intelectuais e os professores à sombra do poder bandeirante obtêm vantagens e, por conseguinte, avulta neles o cretinismo acadêmico. Não é fácil tornar-se crítico e opositor do subimperialismo de São Paulo e reconhecer que a acumulação capitalista aí foi realizada às expensas do resto do país, ou seja: o progresso de São Paulo contra a nação. É estupidez dizer que os paulistas sejam ricos porque trabalham mais, assim como não é um bicho de sete cabeças explicar porque a burguesia industrial tem apoio popular, conforme os votos dados a Alckmin e Aécio Neves, o cipayo mineiro dos interesses multinacionais bandeirantes. Fato é que a burguesia paulista não tem nenhum constrangimento de ser anti-nacional e anti-

latinoamericana. PT, PSDB e PMDB consideram que o capitalismo é necessariamente democrático e industrial. Essa democracia torna irrisório o dilema independência nacional ou subordinação colonial. Vende pátria, a burguesia internacionalizada do café se abre toda para o capitalismo europeu e gringo, assim como considera pueril a unidade latino-americana.

Conectada ao arrivismo sindical petista, a sociologia bandeirante insistiu contra a tutela do Estado, a estatização do movimento operário, que teria sido feita pela outorga varguista dos direitos trabalhistas. Essa outorga teria desviado a classe operária do caminho da revolução socialista, como se a combatividade política tivesse sido abortada pelo populismo patriarcal de Vargas, o desorganizador das massas trabalhadoras. Existiu na bizantina sociologia petista a ideia de que a maturidade do proletário brasileiro, base do populismo, teria sido superada com o surgimento fabril do ABC populista fabril.

### **Mandarins e malandros**

Nildo Ouriques refere-se aos bispos acadêmicos, aos mandarins tidos como intelectualmente infalíveis, mas não aborda a Igreja no idioma colonialista, a crença clerical que faz da pobreza virtude. A ofensiva da direita depois do golpe de 64 é indissociável da linguagem moralista e religiosa na política, cuja predicação moral sobre o desenvolvimento está presente em todos os partidos. Nildo Ouriques assinala com razão que não é fácil escapar do “cativeiro” colonial paulista, o sub-produto do capital monopolista; todavia é preciso aduzir que nele há um caráter sacro, catequético e religioso. Os professores são cativos do discurso caridoso e filantrópico, tão repudiado por Karl Marx em *O Capital*. Expressão masoquista do calvário redentor, o PT em São Paulo nasceu igrejeiro não por ser pragmático na instrumentalização persuasiva dos devotos, mas sim com o corpo e a alma da Igreja na política. O PT é religiosamente messiânico, no sentido de Oswald de Andrade (*A Crise da Filosofia Messiânica*), e não dá a menor importância à necessidade de fazer a crítica do latifúndio e da mão de obra deserdada, a origem do proletariado industrial, conforme Glauber Rocha escreveu pioneiramente em 1963, *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, no qual a análise do cinema paulista estrangeirado era tão demolidora que Walter da Silveira reparou que os paulistas jamais iriam aceitar o cineasta baiano.

Vera Cruz, a Columbia Tietê, tal qual a sociologia da modernização à Gino Germani antecipadora do CEBRAP, Glauber Rocha em meados da década de 70 FHC a ponta de lança kennedyana do Pentágono, a retomada balcanizadora da Guerra do Paraguai. O cineasta escolheu como ponto de vista a audácia de Solano López contra Baring e Rothschild, os bancos ingleses do imperialismo liberal. O Império brasileiro, submisso à Inglaterra, acentuou

ainda mais a divisão entre o Brasil e as outras nações. Nosso país foi subimperialista do capitalismo inglês e, junto com o Uruguai e Argentina, fez uma guerra ignóbil chamada “Guerra de Bosta” pelo ensaísta argentino Alberdi. Essa guerra patrocinada pela Inglaterra foi desencadeada para impedir o desenvolvimento autônomo do Paraguai que não estava se encaixando nas demandas do imperialismo inglês, ou seja, o Paraguai exportador de matérias primas com tabaco e mate para a pérfida Inglaterra industrial.

No filme *Terra em Transe* a burguesia desenvolvimentista (Roberto Marinho e Magalhães Pinto) está associada aos grupos Morgan e Rockefeller. É que no imperialismo há continuidade e mudança: a norteamericanização da década de 60 favorecerá, ao contrário do domínio inglês, a industrialização do país comandada por empresas forâneas. Lamentavelmente as ciências sociais, carentes de informação auditiva e visual, desprezaram a contribuição do cinema glauberiano e a teoria da colônia que estava delineada em seu romance de 1978, *Riverão Sussuarana*. Este romanceiro folk exige leitura em voz alta para ser entendido. Tenho lá minha suspeita de que traduzido em língua estrangeira talvez não seja decodificável pelo computador. Trata-se de um dialeto anti-imperialista para se opor à invasão de “tropas psicomilitares norteamericanas”. Em *Riverão*, James Joyce falado pelo caipirão Monteiro Lobato, o autor pede para que Hesíodo, o poeta grego místico, agrário e crítico de Homero, seja citado em sua biografia. Glauber Rocha se transfigura em herói indignado e enraivecido, projeta de seu túmulo a influência exercida na política com todos os impasses e obstáculos de um revolucionário sem um nítido conteúdo de classe social. Esse desespero se materializou na força da metáfora mais que no *logos* das ciências sociais. É retomada a violência da *Estética da Fome* no conflito Riverosa (Guimarães Rosa) versus Backerbrhams, cangaceiro versus volante, polícia versus tráfico, jagunço versus sem-terra. Não se deduza daí falha na capacidade do artista em aprofundar a realidade, é antes o retrato da classe operária sem direção revolucionária. Depois de ser preso, o personagem Riverão vai trabalhar no ABC paulista como operário sindicalizado. É a antevisão glauberiana de Lula tradeunista no PT. Nesse romanceiro é focalizado a adesão de Prestes ao PC e a influência stalinista. O Prestes da Coluna era mais popular e nacional. Glauber Rocha remava contra os colonialismos de Washington e Kremlin. Em 1935 o blanquismo de Prestes foi dirigido pela burocracia do “papa” Stalin. O livro de Glauber não agradou os machadianos (marxistas e estruturalistas) da crítica literária. O romance teórico à Walter Benjamin refazia a crítica ao colonialismo paulista de 1963, apontando a superação do capitalismo como único jeito de eliminar o subdesenvolvimento. MYZÈRYA. Você pode ser intelectual paulista e não ser intelectual brasileiro. O cogito sociológico andava atrasado em relação à mímese do Kinema.

Infelizmente não houve encontro em algum país da América Latina dos três autores (Glauber Rocha, Ruy Mauro Marini e Gunder Frank) que anunciaram o petucanismo multinacional. Na colônia o imperialismo esfacela nos colonizados a percepção do tempo e do espaço, dizia meu amigo Bautista Vidal apontando para o sol de Brasília.

O pensamento cinematográfico (Glauber Rocha e Walter da Silveira) deu um esbregue na petulância bandeirante. O livro de Glauber Rocha é de 1963, nesse mesmo ano Gunder Frank escrevia no *Jornal do Brasil* artigo intitulado “Brasil: exploração ou ajuda?” que muito agradou Leonel Brizola lembrando a *Carta-Testamento* de Vargas, porque provava que saía mais dólar daqui do que entrava. Brasil exportador de dólar. Depois de Paulo Schilling, sem dúvida o artigo de Frank contribuiu para a concepção brizolista sobre as perdas internacionais. No final de 1963 a revista *Monthly Review* entrevistava Leonel Brizola anunciando que vinha por aí um golpe de Estado manietado pelo investidor estrangeiro. A concepção política de Leonel Brizola, depois de lidar com a agricultura do trigo junto com Paulo Schilling no Rio Grande do Sul, estava adiante da sociologia de Florestan Fernandes e Caio Prado Júnior, para não nomear o economista nordestino Celso Furtado seduzido pela Wall Street da CEPAL e afeiçoado ao capital estrangeiro.

Há na avaliação da obra de Florestan Fernandes sempre referência ao fato de ter sido uma pessoa pobre, trabalhou como garçom em restaurante e deu duro na vida para estudar. Nildo Ouriques não sublinha esse lado pobretão e sofrido do sociólogo, recorre ao elogio a Florestan feito por Luiz Carlos Prestes, o que não traz nenhuma novidade em termos de interpretação da realidade brasileira que já não tivesse sido realizada no passado. Nildo Ouriques, embora economista de formação, é informado pela história e, como professor, candidatou-se várias vezes ao cargo de reitor. Perdeu todas. Seu programa para reitoria, entre outras coisas, era pegar o telefone e ligar para cada professor: - “alô, eu gostaria de saber sua impressão sobre o último livro que o senhor leu?”. Convenhamos tratar-se de uma pergunta incômoda para o professorado avesso à leitura. Nildo Ouriques, tal qual meu saudoso amigo Maurício Tragtenberg em *Memória de um Autodidata no Brasil* (que erra acerca de Oswald Andrade, um playboy esnobe) não chega a ponto de considerar Prestes um teórico marxista. Florestan Fernandes para falar de Prestes teria de falar de Oswald de Andrade que teve por Prestes alta consideração teórica e prática de 1928 até 1945, mas a sociologia de Florestan não se ligou em Oswald de Andrade, assim como Nildo Ouriques deixou de falar de Leonel Brizola e sua relação como desenvolvimento desigual das regiões. Lembro Oswald de Andrade com sua linguagem teatral cotejando nossa situação regional com a dos Estados Unidos: “aqui foi o sul que venceu!”.

Não é comum na ensaística brasileira, de Silvio Romero a Luis da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, deparar com as conexões causais e históricas entre o desenvolvimento desigual das regiões e o imperialismo anglo-saxônico. Oswald de Andrade percebeu com lucidez essa relação, embora sem aprofundá-la em uma compreensão totalizante. Cinco anos depois de sua morte despontou no Rio Grande do Sul um político que se fez antiimperialista tematizando a questão regional. Nisso Leonel Brizola antecedeu a Gunder Frank no entendimento da lógica auto-perpetuante do subdesenvolvimento e sua constelação regional. Marxista depois de 1964, Florestan Fernandes não teve olhos para ver a contradição de Leonel Brizola com as multinacionais desde os finais dos anos 50. Comeu mosca na desatenção, desdenhou a luta de classes da nação versus imperialismo. Sua consciência “marxista” somente viria com a greve operária do ABC, mas não houve a escada de Osasco como paródia da escada trotskista de Odessa filmada por Eisenstein. O ABC lulista (que empolgou a sociologia militante de Florestan Fernandes) não deixa de obter vantagens em relação aos trabalhadores das regiões pobres que constituem os elos fracos do desenvolvimento capitalista desigual. O jovem Florestan “trotskista” é mais uma lenda na história das ideias. A impressão que se tem é que todo mundo na esquerda brasileira foi e deixou um dia de ser trotskista.

### **Petucanismo liberal**

Em São Paulo o capital estrangeiro é um totem. E o tabu? Os tucanos e os pemedebês (de modo geral a direita) não têm o comunismo como tabu, a exemplo do obscurantismo dos milicos golpistas de 1964. Dir-se-ia que agora esse tabu foi deixado de lado pela ênfase unânime na democracia concebida de modo abstrato. A democracia transcende as classes sociais e aparece como um valor supremo que está acima da contradição entre burguesia e proletariado. O PT não é diferente ao esvaziar socialmente a palavra democracia. Trata-se de uma compulsiva neurose em todos os partidos políticos, mas revela que o tabu de São Paulo é o golpe de 1964, onde foi planejado mais que no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Economicamente São Paulo se avantajou em relação às outras regiões por causa da ditadura. E isso é o tabu que não pode ser dito, nem evocado como remorso. Raro intelectual paulista, ou de outra região, que tenha disposição psicológica de trazer à tona o que foi recalcado há mais de meio século. Seria sem dúvida motivo de constrangimento perguntar a um FHC, a um Lula, a um Temer, a um Alckmin. Com todo respeito, o que o senhor acha do golpe de 64? Isso são águas passadas. Lamentavelmente trouxe a ditadura, embora houvesse motivos para se opor a João Goulart, populista e cunhado de Leonel Brizola. Se Jango pudesse ter sido

derrubado sem que daí surgisse a ditadura, seria a sopa no mel. Hoje estamos assistindo (logo estará escancarado) ao elogio do golpe de 64 nas ciências sociais e nas artes, cada vez mais subordinadas ao código da telenovela, Carlos Diegues e Arnaldo Jabor provavelmente irão ficar contra Glauber Rocha (um chavista bolivariano) e a favor de Roberto Campos, o padrinho da TV Globo. Quem viver verá o vexame, pois a luta de classe é implacável. Inevitável que esses cineastas (e não se trata apenas de cooptação feita pela indústria cultural) irão inclinar-se para o rentismo parasita de Carlos Lacerda, o paradigma ineliminável da direita carioca. Onde estavam embrionariamente os lacerdistas do Cinema Novo? Onde estavam os adversários da herança varguista e hoje entusiastas do tucano Fernando Henrique Cardoso?

FHC entrou na política pelo MDB católico de Franco Montoro que nunca foi de fato janguista, embora ministro do governo Jango. Lula respirou o ar anti-getulista do sindicalismo multinacional e foi contaminado de preconceitos quanto a Jango e Brizola. Seu batismo político foi feito no desprezo do passado. A história nem mesmo como velha astuta foi inspiradora do PT. A tesoura petista cortou a história em duas fatias: antes e depois da ditadura. Nenhuma preocupação em buscar a gênese da ditadura, e o que desta permaneceu intocável na abertura democrática, ou seja, o domínio do capital monopolista internacional sediado em São Paulo. Isso não foi levado em consideração, daí o caráter perfunctório da polaridade ditadura x democracia. O PT e o PSDB tiveram em seu nascedouro um elemento em comum: a retórica sobre a democracia que oculta o poder multinacional associado à burguesia bandeirante e à superexploração da força de trabalho. O Estado não é visto como um órgão da classe capitalista, assim como deixa de ser um instrumento da acumulação de capital. É a democracia dos lucros honestos. O conteúdo plutocrático dessa democracia nunca é mencionado. Melhor manuseá-lo ou embolsá-lo que fazer teoria do dinheiro.

### **Patriciado Acadêmico**

A gênese do espírito tucano está no patriciado dos professores bem de vida, Franco Montoro, Artur Gianotti, FHC, Bresser Pereira. Evoluiu o patriciado professoral para o milionário patronato, industrial, banqueiro e multinacional. Em termos de patronato, não é muito diferente do PMDB sem o verniz acadêmico, exceto o bacharel Temer na PUC de São Paulo nascido para colher os frutos.

É preciso colocar a dimensão cultural porque a classe não existe em abstrato, ela é feita de indivíduos que atuam conforme os seus interesses e contra outras classes. Seria uma generalização sem sentido afirmar que o PT representa os trabalhadores, e não os interesses da

burguesia, então é preciso saber em que estes diferem do PSDB.

Não é freqüente nos estudos de história deparar-se com a análise de classe social relacionada aos acontecimentos. O máximo a que se chega diz respeito à feição intuitiva da prática brizolista, tendo em mira o cotejo com o trabalhismo inglês, que de 1920 a 1945 foi influenciado por intelectuais como Hobson, Laski, Orwell, o que não impediu que esse trabalhismo traísse não poucas vezes a classe operária.

Depois do aparecimento do PT o trabalhismo brizolista foi visto como um ideário obsoleto e inadequado ao país, afirmavam os professores Florestan Fernandes, Francisco Weffort e Maria Vitória Benevides, chamando atenção para a falta no trabalhismo da classe operária, por isso teria de ser substituído pelo novo partido feito e liderado por trabalhadores: o PT. Esse partido tinha a vantagem de nascer na ponta mais moderna do capitalismo: a fábrica multinacional. O PT nascerá em São Paulo. O parto do PT inclui a forma multinacional na ruptura com o que existia antes da greve de Osasco. Em seus governos o PT deixará assente que um regime anti-imperialista não terá condição de existir. Sejam pragmáticos, dizem os petistas, apontando para o exemplo de Jotaká e dos militares: o domínio das multinacionais é insuprimível e, ademais, não atrapalha o desenvolvimento do país, não é refratário ao florescimento de uma democracia madura.

A penetração da ideologia imperialista deu no sindicalismo da indústria moderna de São Paulo. Uma coisa nasce com a outra. Soa bizarro, depois de 12 anos de Lula e Dilma, perguntar quais foram os triunfos da esquerda. Uma outra pergunta ainda não foi respondida: como e em quais a esquerda contribuiu para o ocaso da ditadura?

Não é aconselhável tratar a história de maneira fanfarrona conjecturando o que poderia ter sido e que não foi. A classe corporativa e setorializada do ABC paulista está alheia ao conjunto da sociedade brasileira. O PT ganhou as eleições, chegou no Palácio mas não imprimiu nada da classe operária no Estado. Quem exerce a hegemonia econômica e cultural é o PSDB. Na consciência da classe operária industrial o PSDB detém o poder midiático com imprensa e televisão. A mentalidade dominante na sociedade não é decorrência do partido que está no governo, e sim das empresas oligárquicas dos meios de comunicação. O Estado ocupado pelo PT (ou o governo) não tem força para interferir na oligarquia midiática (9 famílias) que controla a comunicação. A raiva tucana tem sua razão de ser, o PSDB perdeu as eleições com o seu candidato Sputnik, ou seja, sua hegemonia midiática não foi suficiente para ganhar as eleições.

### **Capitanias midiáticas**

A classe social dos milionários da comunicação de massa é a burguesia local associada aos monopólios estrangeiros, aos quais prestam devoção e lealdade. A classe social dominante (e ao mesmo tempo dominada) participou do golpe liberal de 1964. Rockefeller acionou os barões da mídia, todos com fortuna mal adquirida, dizia Oswald de Andrade.

Árabes, judeus, mestiços, mulatos, mamelucos, os donos dos meios de comunicação de massa têm em comum a fisionomia de mercador fenício. São, antes de qualquer coisa, comerciantes, trapaceiros, segundo Karl Marx. Do ponto de vista do tempo histórico, não importa que o parvenu Abravanel, o taumaturgo nuevo rico Edir Macedo, o mafioso Civita não tivessem oportunidade de derrubar João Goulart; o que importa é que compartilham os mesmos interesses dos outros mais antigos e tradicionais como Marinho, Mesquita e Frias. Vivem as mesmas experiências sociais, concordam com os mesmos sistemas de valores, as famílias casam-se entre si. Usam a mesa língua do *cash nexus*. Todos fazedores de opinião pública são subalternos às grandes empresas multinacionais, embora os seus principais anúncios sejam pagos pelo Estado. Este não está contudo em contradição com os interesses do capital estrangeiro. Cipayos, como se diz na Argentina entre os intelectuais peronistas.

A disposição de servir ao capital estrangeiro é menos psicológica que de classe, embora seja subserviente até na medula sexual. A sucessão de pai para filho reforça o dinheiro cosmopolita que está acima da nação e da pátria. É claro que a burguesia proprietária dos meios de comunicação não é uma classe social que esteja isolada de outras classes sociais. Seria disparate imaginar uma república constituída apenas dos venerandos barões da mídia. Seus veículos de comunicação, que repetem os léxicos e ditames dos bancos mundiais (e que repercutem nos currículos das universidades) têm ojeriza à noção marxista de classe social, substituída em todos os partidos políticos por “cidadania”.

O conceito de exploração desaparece com a retórica da cidadania, mas a história não pode ser compreendida sem a fúria do interesse privado na relação com a família e o Estado. Também não pode ser compreendida sem a ideia de causa e processo social. De 1965 para cá a história do Brasil tem sido condicionada pela comunicação de massa. Esse raciocínio não é de modo algum reducionista, não significa que a mídia seja o sujeito da história, mas é que para se processar a acumulação de capital são necessárias a eletrônica, o vídeo, a tela, a televisão. Claro que não é a política que faz a história, tampouco a comunicação, todavia não se pode negligenciar que no idioma da mídia estão incrustados fatores econômicos, empresariais, militares, religiosos e *agrobussines*. É temerário afirmar que as nove famílias proprietárias das capitâncias midiáticas sejam os atores da história do país. Inegável no entanto é que a mentalidade da massa é fruto da comunicação midiática. É irrecusável também a



tendência dessas empresas se fundirem com as corporações estrangeiras. A taxa de mais-valia ideológica é maior com televisão (Marinho, Macedo, Saad) do que com jornal (Frias e Mesquita). A propósito do nexos entre o montante de lucro e a abrangência de persuasão, não nos esqueçamos de que em 1989 o empresário e comediante Silvio Santos foi cogitado para ser presidente da República.

É pelo prisma da comédia colonial que se deve entender o que se passou de Castelo Branco a Dilma. O protótipo do intelectual de direita, na segunda metade do século XX, é o tipo UDN, bacharel, gramaticóide que vive do rentismo parasita imobiliário, a exemplo de Carlos Lacerda, ou do banqueiro Magalhães Pinto, de resto rivais na ambição de serem presidentes da República, frustrados pelo surgimento de Jânio Quadros, tido até hoje como um fenômeno irracionalisticamente inexplicável pela nossa historiografia preguiçosa.

A magnitude institucional da televisão não deve ser subestimada em um país ágrafo, onde a massa se diverte e é manipulada, programa de auditório, telenovela e futebol. Esse poder institucional não existe no vácuo, assim como os vários governos (digamos de FHC a Dilma) não são independentes das empresas multinacionais, que são os demiurgos da sociedade civil. Daí que, em relação a isso, o poder do Estado seja impotente, tanto com o PSDB quanto com o PT. As empreiteiras são as mesmas seja qual for o governo.

O fundamento material que sustenta a simbiose petucana, ou a intermitente e cínica cordialidade política entre Lula e FHC, é o intercâmbio desigual entre centro e periferia, a transferência de valor para a metrópole durante a expansão do capital multinacional. A burguesia bandeirante, que se industrializou sem fazer reforma agrária (a Fiesp do latifúndio), está viciada na superexploração da força de trabalho.

Nildo Ouriques acertou ao sublinhar que PT e PSBD, a convergência do tradeunismo multinacional com a burguesia bandeirante “*for export*”, teve como pré-condição a sabotagem da reflexão marxista de Ruy Mauro Marini sobre a repressão salarial da massa trabalhadora. O que Nildo Ouriques deixou de realçar é que a denúncia de Ruy Mauro Marini é inseparável (não apenas cronologicamente) da concepção sobre as perdas do Brasil em suas relações com o exterior, concepção que foi gerada no diálogo nacionalista e anti-imperialista de Paulo Schilling com Leonel Brizola no Rio Grande do Sul durante o governo entreguista de Jotaká.

Um dos traços do petucanismo, antes mesmo de configurar-se na década de 80, é sugerir que Leonel Brizola carecia de pensamento, atuava sem ideias, era um tosco, um rude, um gaudério jacuzão, porque não estudou na USP sob a orientação de Sérgio Buarque de Holanda, nem foi adestrado no léxico professoral da “mudança social”, expressão anfibológica que frequentou à exaustão as falas presidenciais de Dilma e Aécio Neves. Dói nos ouvidos a

palavra “mundancismo”. Vício de estudante e de professor de ciências sociais é supor com ignorância petulante que o vigor e a profundidade nas reflexões sobre a sociedade começaram a aparecer com os cursos universitários. Darcy Ribeiro, tão cioso da importância do líder nas forças históricas, por um descuido difícil de explicar, não fez menção ao nome de Leonel Brizola na bibliografia de seu livro *O Povo Brasileiro*, e o pior é que nela FHC foi citado. Esses lapsos intelectuais parecem minudências secundárias, mas acabam por interferir na história real, ainda que não sejam determinantes. Reparo aqui que à “teoria marxista da dependência” (expressão usada amiúde por Nildo Ouriques) passou despercebida em meados da década de 70 a desmistificação de FHC (o intelectual orgânico kennedyano) feita pelo “louco” Glauber Rocha. Tampouco foi notada por Florestan Fernandes, mesmo depois de este ter se marxizado no auge da sociologia entre 1964-1974.

Em 1969 a aposentadoria compulsória de alguns professores da USP (o aposento subversivo e contestatório) preparou a fundação do CEBRAP sob os auspícios da Ford-Rockefeller. Antes a sociologia feagaceana havia sido orientada por Florestan Fernandes, o qual deputado pelo PT em 1986 e 1990 não abriu o jogo acerca do percurso acadêmico e político de seu ex-discípulo que em 1993 foi alçado pelos organismos internacionais a Ministro da Fazenda. Ninguém é nomeado ministro da Fazenda “sem o prévio agreement, que chega do exterior” como observou Paulo Schilling em *Como se Coloca a Direita no Poder*.

Sabemos que a moralidade normativa não é o critério da política, todavia esta é feita por pessoas que, não obstante as posições diferentes, mantêm laços de amizade, inclusive familiares, como acontecia em décadas passadas no exíguo mundo acadêmico entre orientador e orientando. Os departamentos universitários funcionavam quase como um clube ou uma Igreja, as controvérsias eram machadianamente evitadas, muitas vezes com receio dos brios intelectuais feridos pela vaidade pequeno-burguesa. É difícil supor que o mestre não soubesse que os rumos de direita tomados pelo seu discípulo estavam detonando os fundamentos teóricos e empíricos da sociologia ensinados desde a época de Roger Bastide. Em nada ele contribuiu para esclarecer o percurso de FHC (que não foi apenas individual) de professor a Presidente da República, o que deve ter sido motivo de angústia em se tratando de um intelectual admirador de Lênin não ter colocado em pratos limpos a relação sociologia e poder bandeirante. Isso provavelmente deve ter sido o motivo psicológico de seus problemas de saúde que impediram a reeleição para deputado. A minerva da sociologia, instrumento da desigualdade regional, o levou para o túmulo. E nisso deve ter interferido a recusa de não desvelar o percurso reacionário de seu discípulo. Claro que sabia que os servidores e lacaios do capital estrangeiro são recrutados (e bem pagos) nas universidades. E não só aqui. O

historiador argentino Raul Scalabrini Ortiz, em *Bases Para la Reconstrucción Nacional*, lembrou que os norte-americanos aceitaram o anglófilo Raul Prebisch secretário da Cepal.

É inegável a admiração que Nildo Ouriques tem pela obra de Florestan Fernandes, mas é uma admiração que às vezes cega quando o que está em pauta é o seu papel, ainda que inconsciente ou involuntário, na construção do poder cultural paulista que acompanhou o fetiche do padrão científico na sociologia, a supremacia da monografia sobre a ensaística pré-universitária, como se observa em sua polêmica com Guerreiro Ramos, sem que se deixe de lado sua investida, um tanto quanto positivista, contra a disciplina do folclore, negando-lhe caráter científico, o que o situa como antítese de Luís da Câmara Cascudo, para quem a expressão folclórica é a democracia regional do povo. Enquanto negação do poder cultural concentrado em determinada região (o colonialismo interno como reflexo da dominação externa imperialista), a dialética cascudiana (o lobisomem trota pelo norte, o Saci-Pererê circula pelo sul, o milho sobe, a mandioca desce) está mais afeiçoada ao materialismo histórico, embora Cascudo nunca tivesse lido Karl Marx e Friedrich Engels. O sociólogo Florestan Fernandes contribuiu para aumentar o abismo entre a ciência do povo (folclore) e o materialismo histórico. O que equivale à separação entre nacionalismo e marxismo; nesse aspecto ele foi antecedido por Mário de Andrade enciumado com a dimensão multi-regional do pensamento de Luís da Câmara Cascudo.

Haverá fundamento histórico para imaginar juntos o Marx folk e o Cascudo dialético materialista. Dante fazendo o meio de campo, o poeta etnólogo através do qual Cascudo estudou a concepção do céu que tem o homem do povo brasileiro. Em *O Capital* Marx é Dante, síntese cultural do erudito e do popular: “*Segui il tu curso...*” está no prefácio de *O Capital*. Itália, primeira nação capitalista. Em 1959 Cascudo estudou o florentino na boca do povo. Dante Alighieri é a tradição popular no Brasil. Marx o citou no *Manifesto do Partido Comunista*, prefácio de 1893. O último poeta da Idade Média feudal. O primeiro poeta moderno da sociedade capitalista. Já se tentou materializar a teoria de Marx, mas não se atinou ainda que a sociedade brasileira lamentavelmente não é o reflexo da ciência cascudiana do povo. Tentando aos trancos e barrancos conferir à obra de Florestan Fernandes um sentido marxista revolucionário (Darcy Ribeiro não o viu como marxista antes de 64 e mesmo depois), Nildo Ouriques faz uso equivocado da palavra “folclore” como sinônimo de anedota e superficialidade.

O capítulo menos arguto do livro de Nildo Ouriques é sobre Florestan Fernandes. O crítico literário Antonio Candido não aparece como objeto de análise antes e depois de 64. Ficamos sem saber se foi getulista, se marxista – o que se sabe é que fundou o PT e nunca foi

admirador de Leonel Brizola. E aqui podemos no livro de Nildo Ouriques apontar o grande ausente adversário da inteligência cipaya de São Paulo: Leonel Brizola. O autor cochilou em não abordar o principal adversário da burguesia bandeirante anti-bolivariana. A sociologia bandeirante (incluindo a teoria literária) é inconcebível sem o ódio contra Leonel Brizola desencadeado pela Campanha da Legalidade em 1961, sem a qual João Goulart não teria chegado à presidência da República.

Cinco anos depois da morte de Mario de Andrade a década de 50 traz a substituição do folclore pela sociologia do desenvolvimento desenvolvimentista. Roger Bastide foi contrário a essa tendência nas ciências sociais. Ele ironizou o jargão sociológico. Equívoco seria fazer da política a ciência fundamental e deixar de lado o folclore, que é sempre o objeto de ataque preferido da grande mídia de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os departamentos de ciências sociais sentem vergonha do bumba-meu-boi. O dinheiro é cosmopolita, segundo Karl Marx. Amadeu Amaral (1895-1929), nascido em Capivari, Estado de São Paulo, reclamava da associação equivocada do folclore com o mundo rural. Folk não é sinônimo de ruralismo. Para Roger Bastide, o folclore no Brasil é mais urbano que rural. E nada tem a ver com miséria. Em 1935 o médico Afrânio Peixoto dizia que o folclore era instrumento político de igualdade. Fausto nasceu de um “causo” popular. Edison Carneiro, único marxista brasileiro do folclore (escondia da polícia nas casas de candomblé em Salvador) escreveu em seu livro *A Dinâmica do Folclore* (1950) que “o folclore faz parte da superestrutura ideológica da sociedade, embora seja a camada mais inferior dessa superestrutura”. Roger Bastide não aplaudiu a transformação do negro ou do caboclo em proletariado urbano: “em seguida operário especializado, finalmente em pequeno burguês, contador, empregado de escritório, dono de casa própria que passa as noites em família olhando a televisão”, conforme escreveu em *Brasil Terra de Contrastes*. Roger Bastide colocou Hegel e Marx no candomblé. Pensando em nosso país: “a dialética social é mais rica do que a dialética marxista.”

### **Leonel Brizola, o bode acadêmico**

Nossa intelectualidade universitária não admite que haja ideia na militância de Leonel Brizola. Assim, a teoria fica sendo apanágio dos doutores Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Caio Prado Júnior, Sergio Buarque de Holanda. Por conseguinte, sua atuação política não é analisada depois do fim do Estado Novo até Dilma. Os artistas também acreditavam que a personalidade de Leonel Brizola era anti-artística. Essa visão deformada começou em 1945 na Faculdade de Engenharia, visto pelos estudantes liderados por Paulo Brossard, o Ruy Barbosa de compotas, o bacharel baiano tão cultuado pela direita lacerdistas;

por outro lado, quem tinha cultura, quem sabia das coisas era o pessoal do Partido Comunista. Digamos que persiste até hoje a imagem de Luis Carlos Prestes como teórico enquanto o criador dos CIEPS não passa de um empírico que agia no vai e vem da valsa. O jovem estudante de Engenharia percebeu que o bacharelismo liberal e o stalinismo do partidão estavam contra Getúlio Vargas, o qual queria fazer política de esquerda com gente de direita, mas acabou caindo do cavalo em 1945 derrubado pelo Exército, pela burguesia financeira e industrial e pela embaixada dos Estados Unidos.

Diante da UDN livre-cambista (Eduardo Gomes bancado por Magalhães Pinto) e o PC colonizado pelo Kremlin stalinista, Leonel Brizola tomou partido por Getúlio Vargas, sabendo que sua origem de classe social era outra. Leonel Brizola começou organizando o PTB no Rio Grande do Sul, que não foi uma criação de Getúlio Vargas de cima para baixo. Este apenas concordou com a criação do PTB reivindicada pelos trabalhadores e sindicatos. O programa faz o partido, e não o contrário. Leonel Brizola veio ao mundo da política com a incumbência de organizar um partido trabalhista. O PTB surgiu às vésperas das eleições de 1945 e não deu tempo para concorrer ao pleito. Vargas, apeado do poder, teve de apoiar Dutra do PSD, em quem Brizola acabou votando, certamente com vontade de serrar os pulsos, o primeiro Brutus da política brasileira, assim como Getúlio Vargas foi o político mais traído. Não era fácil compreender o período ideologicamente conturbado de 1945 e o que significava o progresso histórico, ainda mais em se tratando de um jovem com vinte e poucos anos que viu na universidade os intelectuais de esquerda e de direita posicionando-se contra Getúlio Vargas, tido como ditador, fascista, torturador, nazista. O que aconteceu com a convergência udenostalinista em 1945 contra Vargas iria acontecer em 1989 com a intelectualidade universitária considerando Brizola um getulista de direita, enquanto os comunistas viram em Lula a consciência operária revolucionária. Partido de quadros o PT, partido de massa o PDT. Este último dependendo da atuação de lideranças, pois no PT só havia Lula (Dilma não é líder). O PDT deixou de ser partido de massa depois da morte de Leonel Brizola. Este em 1989 percebeu, diante da ascensão vertiginosa de Lula nos sindicatos e universidades, que era um fato concreto a amnésia histórica do golpe de 1964.

A burguesia bandeirante industrial e financeira continua a mesma e depois do golpe de 64 aprofundou seu caráter associativo com o capital estrangeiro. Houve na política e na cultura um corte entre trabalhista e petista. O horror da ditadura foi esquecido. Leonel Brizola, ainda que impressionado com as afinidades eletivas entre Lula e Collor, superestimou o estrago da ditadura na avaliação do eleitorado em 1989. A ditadura estava sendo relegada ao esquecimento pelos dois candidatos adversários: Collor e Lula significavam a ditadura

esquecida. E quem se incumbiu de fabricar o esquecimento foi os meios de comunicação de massa, notadamente a telenovela. Todos os jornais foram a favor da derrubada de João Goulart. Todos os jornais que falam hoje em democracia defenderam a ditadura. Na universidade a luta pela democracia foi conduzida de tal forma abstrata que os professores e estudantes careciam de informações sobre os personagens e os acontecimentos do período pré-64. Nem foi perguntado pelo o que era fundamental: por que ditadura? As suas causas. Muita gente ficou com a impressão de que o golpe de 64 tinha sido um mistério ocasionado por causas desconhecidas. A não ser pelo escândalo da tortura, o lado medonho da ditadura, o ano de 1964 parece não ter existido. Eis então a lucidez de Leonel Brizola: “essa ditadura foi feita contra nós, o que eles visavam era destruir o trabalhismo, porque nós já éramos maioria no Congresso”.

Os livros picaretas de história escondem o fato de que em 1961, com a Campanha da Legalidade, pela primeira vez um movimento popular conseguiu impedir um golpe que estava sendo tramado pelos milicos entreguistas e por parlamentares de direita. Se não fosse a atuação destemida de Leonel Brizola, teria vindo antes o golpe. Em 1961 delineava-se a contraposição do Rio Grande do Sul nacionalista contra São Paulo multinacional. Esse é mais outro motivo pelo qual considero um vacilo de Nildo Ouriques não ter colocado o trabalhismo brizolista na contramão histórica do poder bandeirante imperialista. Em 1964 ocorreu o “boom” das ciências sociais, enquanto Brizola amargou o ostracismo do exílio e sempre foi mal votado em São Paulo.

Paulo Schilling escreveu um livro sobre o trigo publicado pelo ISEB em 1959, Franklin de Oliveira abordou o pauperismo no Rio Grande do Sul em 1962. Em ambos sobressai a preocupação com o processo através do qual São Paulo se tornou a vanguarda do subdesenvolvimento. Colonialismo interno é uma expressão cunhada por Lênin, *O Desenvolvimento do Imperialismo na Rússia*, depois retomada por Wright Mills, Pablo Gonzáles Casanova e Rodolfo Stavenhagen. Franklin de Oliveira sublinhou que a ascensão bandeirante começou com os favorecimentos de Getúlio Vargas e atingiu o paroxismo com Jotaká, presidente que segundo Paulo Schilling fez de tudo para prejudicar o Rio Grande do Sul governado por Leonel Brizola, o qual tinha em melhor conceito Jânio Quadros. Hesitou Leonel Brizola, logo no calor da hora, que Jânio Quadros tivesse realmente renunciado. Renúncia ou golpe? Admirava a política externa nacionalista que defendeu a revolução cubana. Jânio Quadros o enviou a Punta Del Leste para fazer a crítica da kennediana Aliança para o Progresso. Em agosto de 61 ofereceu-lhe o Rio Grande do Sul para a resistência armada se fosse golpe, não renúncia, a despeito de ter votado em Lott, Jânio Quadros se

elegeu com o apoio de Carlos Lacerda e Magalhães da UDN. Paulo Schilling, que estava lá em Porto Alegre reparou em *Como Colocar a Direita no Poder* que Brizola gostaria de fazer dobradinha com Jânio por considerá-lo politicamente mais afirmativo que Jango. Por que não contar com seu apoio nas eleições de 1965? Tudo porém mudou de figura depois de consumada a desistência de Jânio, ainda que a renúncia pudesse ser interpretada como uma maneira de evitar sua deposição. Brizola (nisso parecido com Salvador Allende) não admitia que houvesse abdicação do poder sem luta e resistência inclusive armada. Tinha na lembrança o exemplo de Vargas, cujo suicídio não aprovava por ser um signo de fraqueza. Se foi imposta a renúncia pelos militares entreguistas, Jânio Quadros deveria ter reagido às pressões e ao veto militar. Essa era a posição de Brizola, a mesma que teria em relação à tibieza de João Goulart em 1961 e 1964.

### **O garçom bolchevique e o caudilho populista**

A descoberta tardia de José Carlos Mariátegui não fez de Florestan Fernandes um sociólogo bolivariano da Pátria Grande. Desdenhou Perón e a literatura peronista que, desde Manuel Ugarte a Arturo Jauretche e Scalabrini Ortiz, denunciou Buenos Aires a prevalecer sobre o desenvolvimento das outras regiões argentinas. O Florestan socialista de *A Revolução Burguesa no Brasil* esquentou a marmita antiga, segundo a qual a burguesia nacional na periferia é necessariamente “compradora” (no dizer do marxismo chinês) e incapaz de promover o progresso, a justiça e o desenvolvimento capitalista autônomo. Quando do atrito Marini com FHC e Serra, antes do surgimento do PT, Florestan não veio para o debate que envolvia o conteúdo de classe de sua sociologia ensinada na USP e, destarte, nunca explicitou o caráter incompatível do liberalismo econômico com a democracia. Não tomou partido entre o marxismo de Marini e o liberalismo de FHC e Serra. Para estes, o capitalismo era o melhor dos mundos porque a periferia se industrializou com a economia política do automóvel. Houve na sociologia e nos partidos políticos o fetiche da “moderna indústria” e, de tabela, o elogio do imperialismo *made in USA*, nesse aspecto mais generoso que o inglês da manufatura. Progresso seria industrializar o Terceiro mundo com maquinaria e tecnologia, daí viria automaticamente a democracia, segundo a ideologia do bandeirismo cibernético.

Nildo Ouriques curte e aprecia a expressão “petucanismo” (hibridez de PT e PSDB), porém não atina que essa hibridez estava delineada na antinomia Marini, FHC e Serra. É tênue o conceito de superexploração do trabalho na sociologia de Florestan Fernandes, a qual tem menos afinidade com o marxista de Barbacena do que com o compadre FHC, que levou na galhofa o marxismo de Florestan, nunca acreditou que o seu mestre fosse marxista

discorrendo sobre o Estado e a sociedade. Florestan nunca deixou de ser um sociólogo funcionalista, politicamente não tinha nada de revolucionário – era isso o que dizia FHC do mestre, como se este fosse um festivo do moderno proletariado.

A cozinha da sociologia paulista, cujo tempero é a ideia do falsário não aparece no livro de Nildo Ouriques. Refiro-me à mistura de cinismo com trapaça. FHC viu os vacilos e pusilanimidades de Lula como adversário porque conviveu com Florestan e Weffort, posto que o cordial Sérgio Buarque de Holanda nunca arregaçou as mangas da camisa para teorizar sobre a racionalidade do PT. O adversário nas ciências sociais era Ruy Mauro Marini, o PT curti o Francisco Weffort vira-casaca a fim de largar a estampa mujique. Largou-a rápido ao ganhar o Ministério da Cultura. O seu marxismo era para inglês ver. Autor de livro badaladíssimo nas ciências sociais, o mais citado na pós-graduação. Esse livro, não por acaso, pretendia enterrar definitivamente o nacionalismo de Vargas, de João Goulart e de Leonel Brizola.

Que ano terrível o de 1989, dissolução da União Soviética, cai Gorbachev, sobem Collor, Fujimori, Gottari e Leonel Brizola perde as eleições. Fica evidente que foi recalçado o golpe de 64: Collor em primeiro lugar, Lula em segundo. O PT ficou contente: o velho populista já era. Só faltava deitar no caixão. Claro que isso não foi abertamente cantado e comemorado, mas o que dava para antever era que a preferência de Lula se dirigia menos a Brizola que a FHC. Este sempre soube que era admirado pelo líder sindical. Havia a questão do poder. Para Florestan não fica claro se queria o poder. E isso não envolve apenas a subjetividade, e sim o que é o poder em uma sociedade colonial, periférica e dependente. O poder do Estado diante do poder do capital multinacional. O PSDB e o PT no governo mostraram que o mando multinacional permaneceu o mesmo desde a ditadura implantada pelas multinacionais e FIESP.

Todos os autores abordados por Nildo Ouriques foram anti-brizolistas. Em 1961, dando aula na universidade, formando seus discípulos, o professor Florestan Fernandes não teve olhos para ver a resistência popular contra o golpe imperialista da Campanha da Legalidade em Porto Alegre. Aí estava o programa de Leonel Brizola de tomar o poder para transformar o país. Isso foi ridicularizado por Lula quando o acusou de pisar no pescoço da mãe para ser Presidente da República. Hoje é possível entender essa diátribe deselegante do ponto de vista histórico: o PT chega ao poder mas tem medo de enfrentar o latifúndio, as multinacionais, o monopólio da televisão e o imperialismo. Enfim, para usar um oxímoro, é o poder impotente.

A sociologia bandeirante desde sempre padeceu de uma erosão cognitiva inter-regional, responsável pela sua resignação em tematizar o Brasil como um todo, conforme mostrou



Gunder Frank na crítica ao dualismo econômico. Na esfera psíquica é a expressão desvitalizada e esquizofrênica das polaridades não dialéticas: arcaico-moderno, atraso-avanço, local-cosmopolita. Não foi compreendida a lei do desenvolvimento desigual do capitalismo com ritmo de crescimento diferente das regiões, ou seja, a dialética do progresso e do atraso. Nenhum figurão da sociologia refutou Gunder Frank, apenas tardiamente o economista João Manoel Cardoso balbuciou alguma coisa insignificante sobre o livro a fim de bajular FHC e Falletto. Expressão do desequilíbrio inter-regional, a desvitalização é conceitual, não é capaz de apreender o Brasil como totalidade. A sociologia paulistocêntrica descartou de vez o marxismo depois da dissolução da União Soviética. A prática petista é pós-moderna com a retórica da sociedade civil sem luta de classes. Weffort deu o mote da sociedade civil para Lula repetir e fazer farol entre os incultos professores universitários.

A lacuna do livro de Nildo Ouriques, em se tratando de um rebento ilustre de Joaçaba, cidade quase limítrofe do Rio Grande do Sul, foi não ter levado historicamente em consideração o nacionalismo anti-imperialista de Leonel Brizola. Sua crítica à hegemonia cultural de São Paulo ficou prejudicada, poderia ter alçado voo maior. Afinal, a sociologia paulista é sustentada pelo desenvolvimento dos brasis desiguais. O café se aproveitou do excedente das regiões pobres, daí a tibieza política e a limitação estética da Semana de 1922. O estrangeirismo mental do intelectual paulista é o reflexo do processo de acumulação de capital, que se realiza internamente no país como um todo e se destina à exportação. Os discípulos de Roger Bastide estudaram a integração do negro na sociedade industrial de classes, mas não deram a menor importância para a luta de classes (a contradição nação-imperialismo) que estava rolando nas ruas da Porto Alegre brizolista. Depois do leite derramado em 1964 a escola paulista de sociologia estigmatizou, de maneira livresca e acadêmica, Leonel Brizola de “populista”. Em 1989 nenhum intelectual medalhão em São Paulo fez autocrítica e declarou seu voto em Leonel Brizola para presidente da República, o que revelava uma atitude ambígua diante do golpe de 64: de um lado repulsa à ditadura, mas de outro lado concordância por ter banido Leonel Brizola. A candidatura Lula deu à sociologia paulista o salvo conduto para esquecer (o que significa “perdoar”) o golpe que instaurou a ditadura.

O último acontecimento de dimensão nacional e popular na história do Brasil foi a Campanha da Legalidade e não a anódina Diretas Já. A verdade é que a Campanha da Legalidade poderia desdobrar-se em um conflito civil, mas chegou-se a um acordo entre João Goulart aceitando o parlamentarismo conchavado por Tancredo Neves, o exu tranca rua de Leonel Brizola. A Campanha da Legalidade foi abortada pela conciliação de João Goulart

instada pelos conselhos de Tancredo Neves, a quem o governador Leonel Brizola queria prender num hotel de cinco estrelas em Porto Alegre por ser o mensageiro dos milicos golpistas e do Pentágono.

Santiago Dantas, outro parlamentarista convicto, advogado da Light, era badalado pela CIA e tido como a esquerda responsável. Eu duvido que Tancredo Neves tivesse autonomia de pensamento para ser mensageiro da fórmula parlamentarista sem antes ter passado pelo roteiro dos gringos. Tancredo Neves era católico, gostava de Carmem Miranda e Tristão de Ataíde. Sempre foi antimarxista. O coração rentista de Tancredo Neves, embalado pela sacristia sonora de Milton Nascimento, pendia mais para a Avenida Paulista que para São João Del Rey. Do 1961 parlamentarista pulamos para as Diretas Já. Tancredo Neves tinha como vice José Sarney. Para conjecturar até que ponto iria ousar politicamente se exercesse a presidência, basta dizer que Tancredo Neves escolheu Francisco Dornelas para ser seu ministro da Fazenda, que certamente iria reeditar Delfin Neto com a máfia do PMDB e os seus doutores economistas.

Nildo Ouriques ao fazer a anatomia da dominação paulistocêntrica não foi até a raiz brizolista. A burguesia bandeirante arregimentou os seus intelectuais no PT, no PSDB e no PMDB. A sociologia paulista (todo mundo embarcou na trapaça semântica da “dependência” de FHC) nunca foi anti-colonialista, esteve (antes e depois de 1964) sempre mais para teoria da modernização que para a teoria marxista do imperialismo. Francisco Weffort se tornou best-seller nas ciências sociais injuriando levemente o nacionalismo darçavargojangobrizolista, depois ofereceu alpiste para a aristocracia sindical do ABC. É de Friedrich Engels a expressão “aristocracia operária”, a classe corrompida por uma minoria privilegiada de trabalhadores que recebe salários relativamente altos. Weffort acabou sendo admitido no banquete tucano pondo a culpa do subdesenvolvimento em suas próprias vítimas. Um dia o capitalismo popular seria capaz de eliminar a miséria e o subdesenvolvimento. Álvaro Moisés, o assessor de Weffort, respaldou o sonho de Lula: um capitalismo de classe média ou capitalismo sem capitalistas, ou senão um capitalismo sem trabalho assalariado.

Por nascerem siameses, apaixonados um pelo outro que dá até para inverter os papéis (por que não imaginar um FHC petista? porque não um Florestan tucano?), o PT não pode emancipar-se do PSDB e vice-versa. Com o seguinte detalhe: quem não era brizolista acabou sendo direta ou indiretamente a favor do golpe de 64. Sem esquecer que no panteão bandeirante há gênios e heróis que foram movidos pela fé no dólar de Rockefeller, de modo que o catolicismo da moeda se fundiu com o crédito protestante sob o signo da telenovela que indiferencia o conteúdo de classe entre Collor, FHC e Lula. O que sobressai na telenovela

(curtida pelo CEBRAP e IUPERJ ouvindo o cantor Roberto Carlos) é o comércio do dinheiro, o banco, seja o príncipe da moeda com inflação controlada, seja o príncipe do óbolo com alambicada filantropia. É da justaposição da moeda com telenovela que resulta um dos traços do capitalismo videofinanceiro. Acrescente-se que a telenovela é o nexo coisificador do dinheiro na consciência subjetiva. Então, FHC pousa de líder sindical, assim como Lula discursa com léxico acadêmico tucano. O voto tem sido o produto do intercâmbio da moeda (cruzado, real) com televisão e pesquisa de opinião. Para os entusiastas da democracia formal, os bancos, segundo Karl Marx em *Grundrisse*, são instituições eminentemente republicanas. O democrata e republicaníssimo Ulisses Guimarães fez o diabo para excluir Leonel Brizola da anistia. Com a morte de Tancredo em 1985 era possível fazer outra eleição para Presidente, mas o deputado Ulisses Guimarães armou para que houvesse a posse de José Sarney. O deputado paulista, politiqueiro de marca maior, ganhou o epíteto de doutor diretas, o Montesquieu do PMDB banqueiro e parasita. Por pouco não ganhou o epitáfio em latim da Faculdade de Direito Largo São Francisco “Dulce e decorum est pro patria mori” (doce e honrado é morrer pela pátria).

De olho no aparato parlamentar, convenhamos não é trivial um operário de origem nordestina conseguir ser presidente da República. É para meditar, como dizia Marx em *O Capital*, quando a classe dominante é capaz de acolher em seus quadros indivíduos eminentes das classes dominadas. Assim, o domínio da classe dominante amplia-se e torna-se estável. O processo de cooptação significa que novos e poucos capitalistas (de origem pobre) entram na lista dos capitalistas. Insisto no entanto, em se tratando de Lula, no papel socializador da telenovela. O peão da telenovela. O operário é identificado com trabalhador, assim como o trabalhador passa a ser o empresário industrial e comercial. A sociologia do empresário de FHC era o panegírico à Schumpeter do empreendedorismo burguês. É por aí que se explica o enorme prestígio de Antônio Ermírio de Moraes na direção do PT e do PSDB. E isso seguramente não se deve à influência de autores como Saint-Simon e Orwell, para os quais o capitalista industrial era o trabalhador por excelência. A visão mistificada do operário é influência da telenovela na estrutura da família fascinada pela produção de bens de consumo duráveis, cujo ícone político é JK, a psicologia da *Motion Pictures*. A telenovela é o luxo do departamento III da economia, segundo o conceito marxista de reprodução, ainda que a maioria dos espectadores padeçam no inferno do pauperismo. Por esse ângulo da socialização psíquica é que temos de analisar a personalidade de Lula, a telenovela *for exporte* agente da hegemonia cultural de São Paulo. Lula é politicamente anti-Gunder Frank e anti-Ruy Mauro Marini, esteticamente é anti-Glauber Rocha.

Nildo Ouriques não atentou para a mais-valia ideológica da telenovela porque em sua abordagem ainda não entrou o marxismo *kinético* de Glauber Rocha, que traz a superação dialética da kultur kritik de Walter Benjamin. Se existe, como quer Paul Sweezy, uma economia política do automóvel, certamente temos no Brasil uma economia política da telenovela feita com o excedente extraído da superexploração da força de trabalho. A telenovela produz nos espectadores uma cabeça financeirizada e especulativa. É o desejo de tornar-se rentista e viver na maciota, ainda que sendo escravo do trabalho assalariado.

Ruy Mauro Marini captou a essência do regime de trabalho no capitalismo dependente. Falta acrescentar que Lula, tal qual a da telenovela, expressão do capital monopolista depois de 1965, é trabalho improdutivo, ou seja, mais renda que capital, mais venda que produção. Ainda que patrocinada pela indústria do automóvel e dos cosméticos, a telenovela é banco. Na telenovela rentista e conspícua o trabalho não produz mais-valia para o capitalista, o rosbife do cidadão inglês está separado da marmita do boia-fria. Será por obra do acaso ou efeito do divino espírito santo que nenhum sociólogo petista até hoje se insurgiu contra a influência deletérea da telenovela no dia-a-dia da classe operária? Pior de tudo é ouvir na universidade professor marxista discorrer sobre a lei do valor vestido com indumentária almadovartelenovelísticasuperodara. Na teoria e na prática da esquerda não há confronto com a telenovela. O trabalho está completamente fora de seus enredos. Ela deforma a realidade, mas seduz, então o seu valor de verdade está na sedução? Na sedução fundada em quê? No sentimento de que tudo na vida é fruto do acaso e que a felicidade individual depende da sorte. O fascismo da sorte. Tudo é produto da casualidade. O bolso individual ou o poder político. É a exacerbação do irracionalismo de horóscopo, de que falava Theodor Adorno traumatizado pelo nazifascismo. Não devemos nos esquecer de que a loteria é uma instituição de direita, não apenas na esperança do bilhete comprado. Na telenovela o homem rico, o burguês é aquele que produz para viver bem, o desfrute hedonista da vida com ócio e sexo. A telenovela convence os pobres para que mantenham os ricos no poder. Com 50 anos de telenovela diuturna a massa telespectadora, que é também eleitora, está convencida de que é ineliminável o imperialismo norteamericano. As empresas que do Brasil exportam para o mundo são estrangeiras. Por isso o estilo *for export* é a vedete da telenovela.

A expansão da TV (telenovela e programa de auditório) é correlata ao descenso intelectual da imprensa escrita. O triunfalismo dos ricos, sub-roluadiano e genocida, mede (este é o critério supremo) a vida pelo êxito. Para os derrotados e as vítimas, o jantar deve ser satisfeito com o menu. A ideologia do êxito na vida reatualiza a antiga pulsão preadora dos bandeirantes anti-Zumbi dos Palmares, que no cinema glauberiano ensinou o personagem

Antônio das Mortes, matador de cangaceiros e inimigo mercenário dos sem-terra. Houve repulsa e atração de Carlos Lacerda por esse personagem glauberiano, não porque o governador da Guanabara tivesse o sonho de ser ator de cinema, mas sim porque se viu retratado como agente do dispositivo repressivo para conter e eliminar a massa sobrando do Rio de Janeiro.

Nos dias de hoje eis que os ex-amigos do cinema novo de Glauber Rocha optaram pela polícia pacificadora do PMDB como a única política possível do capital monopolista estrangeiro. Desde 1963, em seu livro *Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, Glauber Rocha anunciou a polícia bandeirante que garantiria o enclave televisão, Estado, Time-life. Por isso (e não só por causa da vida confortável) os seus ex-amigos tornaram-se tucanitos coniventes com o legado da ditadura de 64 e hoje consideram-no um otário de um cinema nacional condenado à morte, enquanto a Rede Globo (Roberto Campos e Carlos Lacerda) era o caminho do sucesso colonial. O fato de a televisão ser propriedade de capitalistas brasileiros não determina o que ela é na realidade. Em meados dos anos 70 a classe capitalista mais rica e poderosa do país não era a burguesia local, nativa, nacional. As classes multinacionais dominantes da sociedade brasileira não moram no país. É um equívoco buscar na abertura democrática a iniciativa dos proprietários de jornais e TV's. O frenesi democrático não teve nada a ver com a liberdade de imprensa, nem com a idéia de que o mercado funciona melhor na democracia que na ditadura. O lucro não tem relação com democracia ou fascismo.

O golpe de 64 foi antes de tudo uma jogada econômica: assegurar a instalação de multinacionais a fim de produzir para exportação. Daí a necessidade de um aparato televisivo que atuasse a favor da desnacionalização do país, ou seja, a norteamericanização da periferia capitalista. A internacionalização da economia norteamericana segundo o historiador Vivian Trias (o primeiro a chamar atenção para isso) está na origem dos sucessivos e quase simultâneos golpes de Estado na América Latina. A acumulação de capital nos Estados Unidos, em meados dos anos 60, não estava em crise; era de expansão econômica o ritmo que se seguiu depois da Segunda Guerra mundial. O pós-guerra keynesiano foi a idade de ouro do capitalismo fordista de 1945 a 1973, o ano da crise do combustível fóssil, do Pró-álcool concebido por Bautista Vidal e Marcelo Guimarães, os críticos da alienação energética na cultura brasileira.

### **A vida é bela na Telenovela**

A hegemonia cultural bandeirante se faz com a expansão televisiva, cujos acionistas são as empresas multinacionais localizadas em São Paulo e associadas à burguesia nativa. A

satelitização monopolista do país é comandada pela submetrópole. Esse foi o principal fator internacional do golpe de 64, o qual teve intensa participação dos Estados Unidos, convertendo o Brasil em subimpério na América Latina. O guarda-costas dos EUA. Por conseguinte, a satelitização periférica, a hegemonia paulista, o subimperialismo e o sistema oligárquico de televisão fazem parte de um mesmo quadro histórico com sucessivos golpes, Uruguai, Argentina, Bolívia, Chile. A propósito, não é por acaso que não se encontram na historiografia brasileira, e sim nos historiadores latinoamericanos (especialmente em Vivian Trias), as abordagens mais profundas sobre a deposição de João Goulart e o que isso significou para o sistema capitalista mundial. O conúbio “ianquepaulista”, revelado por Vivian Trias em 1965, o mesmo ano em que se referia ao subimperialismo do Brasil, é o resultado do desenvolvimento do capitalismo monopolista na América Latina.

O dinheiro é cosmopolita, o pensamento também o é, e não apenas na Fiesp como nas pesquisas da Fapesp. Daí a repulsa dos intelectuais e professores universitários ao nacionalismo tido como coisa de caipira ou barbárie em São Paulo, onde o capital estrangeiro é o agente modernizador e identificado com civilização. O progresso paulista, cuja prosperidade está rachada por enormes desníveis internos, é regido pela lei do desenvolvimento desigual capitalista, mas os ideólogos paulistocêntricos apelam para o emigrante trabalhador contracenando com a preguiça e o desleixo de outras regiões atrasadas. Medalhão da USP na área das ciências sociais, já zombou de mim que é masoquismo lançar livro por editora de Santa Catarina. Perda de tempo porque não enriquece o currículo Lattes. Nos autores listados por Nildo Ouriques em seu livro *O Colapso do Figurino Francês* inexistente o repúdio materialista ao dinheiro como riqueza abstrata. Não vingam o constrangimento com o dinheiro, “a puta comum do gênero humano”, de que falava Shakespeare analisado por Karl Marx em *Grundrisse*. As ciências sociais são vulneráveis ao signo do dinheiro (quem não tem dinheiro não tem razão), à equivalência mercantil, por isso delas surgiu o príncipe da moeda, como o desejo do imperialismo. A norte-americanização do Brasil é feita com o papel subimperialista de São Paulo na América Latina. Na década de 70 o DOPS, a mando da FIESP, cuidou da repressão contra a subversão “comunista” em todo o continente. Em São Paulo a última manifestação cultural contra o fascínio pelo *nababo* como (“Senhor do Arame”) veio de Oswald de Andrade em *O Rei da Vela*. Hoje nesse teatro reatualizado caberia figurar, intercambiando com o monetarismo feagaceano, o Lula operário *happy*, piedoso e filantrópico do Bank of Boston.

O papel de subimpério do Brasil na América Latina corresponde ao de Israel no Oriente Médio. Para se radicarem as empresas multinacionais, depois do fim da Segunda Guerra

Mundial, a América Latina foi palco de vários golpes de Estado. De Kennedy a Nixon, tendo como geopolíticos Rostow e Kissinger, o processo de multinacionalização é indissociável da submetrópole paulista, que patrocinou a fábrica de telenovelas sediada no Rio de Janeiro. A telenovela é a superestrutura cultural da sociedade brasileira que não afeta apenas os analfabetos, semi-alfabetos e incultos, mas seduz os professores, os políticos e os dirigentes do país. Se assim é, então a telenovela revela-se um prodígio com abrangência interclassista. Esse é o argumento falacioso de que se utilizam os seus apologetas, abstraindo na configuração do gosto médio o que é oferecido como demanda.

Ex-integrante do Cinema Novo chama de Balzac diretor de telenovela. A rechanchada pornopitoresca, de que falava Walter da Silveira a propósito do cinema carioca, coexistiu com o estrangeirismo mental da burguesia intelectual paulista (Vera Cruz), educada na sistemática detratção do elemento nacional. Essa pedagogia cosmopolita é que interferiu no sindicalismo da classe operária automobilística, sem esquecer que o clero (Glauber chamou Arns de “Cardeal de Berlim”) é um agente colonizador estrangeiro.

Antes de surgir a telenovela, que é a grande novidade cultural trazida pelo golpe de 64, a sociologia paulista de 1955 em diante não viu como obstáculo ao progresso a transferência exógena de excedente, os lucros repartidos da periferia para a metrópole. Essa rapina foi encarnada como ganhos internacionais, tanto que não encontramos nos governos do PT e do PSDB nenhuma oposição à riqueza transferida para os centros capitalistas. Leonel Brizola não ganhou as eleições porque seu discurso ficou adstrito às “perdas internacionais”, e o povo não está nem aí que o Brasil seja sangrado em suas riquezas. Essa interpretação maliciosa foi aceita e reproduzida em seu próprio partido político. O imperialismo já era. Agora é a hora da cidadania. Temos de deixar de lado, diziam os pedetistas oportunistas, essa conversa gagá de “perdas internacionais”. Lula chegou lá sem falar nisso, Dilma chegou lá sem falar nisso. A direita repudiou simultaneamente as perdas internacionais (Brizola) e a superexploração da força de trabalho (Ruy Mauro Marini). Fato é que quanto mais se nega a condição de nação dominada, menos se acredita em nós mesmos. Essa é a psicologia depressiva das últimas décadas, ou seja, a impotência generalizada na cultura e nas artes.

Nildo Ouriques realçou o nexa entre a ascensão paulistocêntrica e o bloqueio intelectual contra Ruy Mauro Marini. Este assimilou muito bem Paul Baran, o qual desde meados dos anos 50 refletia sobre a expropriação do excedente na economia do Terceiro Mundo. Paul Baran tornou-se referência obrigatória para os autores durante os anos 60 que eram próximos de Leonel Brizola, como Paulo Schilling e Franklin de Oliveira, os quais tiveram compreensão mais profunda do subdesenvolvimento e do imperialismo que a escola paulista

de sociologia tributária do anti-caudilhismo de Sérgio Buarque de Holanda e do anti-populismo de Carlos Lacerda. Que o leitor não fique pasmo com essa revisão crítica das ciências sociais. É que Florestan Fernandes esteve politicamente (à exceção da defesa da escola pública) menos próximo de Leonel Brizola que de Carlos Lacerda. Quem chamou a atenção para a afinidade entre o PT (sindicato) e a UDN (o Banco) foi Leonel Brizola, interado da trajetória de Carlos Lacerda, paparicado pela burguesia paulista (jornal “Estado de São Paulo”) e que ganhou em 1949 empurrão financeiro da Standard Oil Rockfeller, fazendo-o proprietário de jornal no Rio de Janeiro para atacar a Petrobrás e Getúlio Vargas. É curioso constatar que jornalista de direita no Rio de Janeiro (caso de Paulo Francis) repete a tara entreguista de Carlos Lacerda, que foi analisada do ponto de vista psicológico por Gondin da Fonseca (o ódio do pai transferido a Vargas), sociologicamente por Gunder Frank (burguês parasita representante do capital comercial), esteticamente por Glauber Rocha, identificado com Antônio das Mortes, o matador de cangaceiro.

Em seu livro Nildo Ouriques pegou leve ao avaliar a sociologia paulista acaudilhada por Florestan Fernandes, que não viu em 1955 os sete palmos de terra das ligas camponesas, assim como não atentou para Julião, o Antônio Conselheiro marxista lutando pela reforma agrária, líder popular que, segundo Paulo Schilling, foi desprestigiado e liquidado pelo partidão de Luís Carlos Prestes. As ciências sociais ficaram omissas ao movimento dos agricultores sem terra (MASTE), mentalizado por Paulo Schilling no Rio Grande do Sul, onde havia 250 mil famílias sem terra. Esse plano MASTE contou com o apoio do governador Leonel Brizola em novembro de 1961, assim foi criado por decreto o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA), associação de agricultores com sem terra, sindicatos rurais, enfim, a “utilidade pública” da reforma agrária.

Em *Brasil Para Latifundiários* sintetizou admiravelmente Paulo Schilling: “A organização dos camponeses deixava de ser um fato policial.” O governo Leonel Brizola descriminalizou a luta dos camponeses, enquanto os bacanas das ciências sociais queriam-no pós-graduado em Rousseau. Entende-se o sentimento de ingratidão histórica que Leonel Brizola sentia em relação ao cevalino católico João Pedro Stédile por não ter tornado público em 1989 (eleições disputadas com Lula e Collor) o que representou para a luta dos camponeses o MASTE antes do golpe de 64. O acampamento garantido pela Brigada Militar contra os capangas dos latifundiários, além da alimentação fornecida pelo Estado. O primeiro acampamento (4 mil sem terra) foi realizado em Sarandi sob a direção de Jair Calixto. É irrecusável o fluxo na história de Canudos a Sarandi. O que concorreu para ser deflagrado o golpe de 64, junto ao conflito com a ITT telefônica, foi a Sarandi brizolista. Reforma agrária e



remessa de lucros foram os motivos do golpe, por conseguinte, como dizia meu amigo jornalista Myltainho, era mais fora Brizola que fora Jango. Não devemos perder de vista que a FIESP faz parte da constelação imperialista do latifúndio. O livro *A Revolução Burguesa* de Florestan Fernandes não menciona sequer uma vez a saga Sarandi, de modo que o anti-brizolismo do PT foi um componente essencial da hegemonia paulista no país. Também o movimento sem terra (era a mágoa de Brizola com Stédile) não se ligou no exemplo de Sarandi, portanto não se livrou da ótica da FIESP. E, nesse caso, carece de relevância saber se o economista Celso Furtado foi ou não um aficionado da telenovela anti-Jean-luc Godard, para quem a mão é a pátria e o olho é liberdade.

O Banco do udenista Magalhães Pinto impediu a posse de João Goulart em 1961, golpista atuante junto com Mourão Filho em 1964. Dez anos depois seu banco – Banco Nacional – era o terceiro do país. O golpe foi deflagrado em Minas Gerais, porém quem se deu bem foi São Paulo. O banco de Magalhães Pinto faliu durante o governo FHC. Poderia Magalhães Pinto com tanto dinheiro ter recebido de Castelo Branco (de quem era muito mais próximo que Roberto Marinho) concessão para um canal de televisão. Os dois líderes golpistas, Carlos Lacerda e Magalhães Pinto, eram vinculados à classe rentista, banco, crédito, propriedade imobiliária. Magalhães Pinto (a quem Darcy Ribeiro odiava como plutocrata e fazedor de dinheiro) assinou o AI-5 e, chanceler do governo Costa e Silva, foi vassalo dos Estados Unidos.

A expressão “UDN de macacão” não se restringe à aristocracia sindicalista de Lula. Estende-se à UDN da sociologia e à UDN da sacristia. A UDN lacerdista foi anticomunista, o que não acontecerá com o PT, todavia o lado sombrio deste foi desde o início sua indisposição com o trabalhismo anti-imperialista, diante do qual os orientados acadêmicos de Florestan Fernandes pegaram pesado (reproduzindo as perfídias do embaixador Lincoln Gordon) contra Leonel Brizola, o que não deixou de prejudicar o que se escreveu nas ciências sociais sobre populismo, caudilhismo e revolução burguesa. Essa sociologia não era inocente e não ficou confinada às lindes de Pindamonhangaba, influenciou o Brasil inteiro, e não apenas os cursos de ciências sociais. Fato é que manufacturou os preconceitos e as desinformações históricas de Lula, o qual fez a jogada do general Golbery nos sindicatos do ABC, vulnerável à ideologia cipaya do capital estrangeiro tanto quanto a FIESP lacerdista da Avenida Paulista. O líder sindical chegou à Presidência da República como se fosse um sub-Saint-Simon, convencido de que o operário é trabalhador como o capitalista industrial ou comercial. Trata-se de um Saint-Simon telenovelizado com biritá e torresminho.

Florestan Fernandes não perdeu a admiração por FHC quando se encontrou com Lula e,

a partir daí, tornou-se devoto do PT. A ponte petucana nunca foi rompida. FIESP, ABC, telenovela: tudo a ver. Depois de 1964 Florestan citava Lenin amiúde, como nunca havia feito antes, contudo não fez autocrítica, tampouco submeteu à análise histórica a concepção feagaceana acerca do “entulho autoritário”. Em conversa reservada, os seus discípulos tucanos comentavam que o velho estava pirado na pregação moral, achando-se um revolucionário bolchevique, um quixotesco alheio à realidade do país. O espírito de corriola, que nos define intelectualmente, o impediu de fazer a revisão crítica de seus discípulos que chegaram ao poder.

Nildo Ouriques deixou de sublinhar que o marxismo de Florestan Fernandes era abstrato e que passou ao largo da questão nacional e *mui* distante da crítica de Ruy Mauro Marini à acumulação dependente. É um equívoco confundir sofrimento católico com pensamento marxista. Ao afirmar isso não estou movido pelo sentimento de provocação ou iconoclastia, mesmo porque em 1977 (sem conhecê-lo pessoalmente) fui pedir-lhe prefácio para minha tese de doutorado *Ideologia Curupira* por causa do socialismo. Claro que de acordo com a maledicência típica brasileira, tudo o que eu afirmar sobre Florestan vai parecer coisa de ressentido, porque seu prefácio foi contra meu livro, talvez por causa do folclore (Curupira, pai do Saci-Pererê) ou da influência de Oswald de Andrade. Sinceramente não sei. Destarte, nem ele nem eu concedemos importância transcendental a esse prefácio, o qual não consagrou nem desconsagrou o jovem sociólogo estreante.

O problema veio depois, tanto é que poderia ter recusado o prefácio, o qual não era imprescindível à publicação do livro, aliás pessimamente editado por Caio Graco, o proprietário da editora Brasiliense, que não gostava do livro nem do autor. *Ideologia Curupira* só foi publicado porque meu amigo Cláudio Abramo o apresentou como pedido especial ao proprietário da editora. A capa do livro (o nome do prefaciador vem com letra maior que a do autor) é de jogar pedra de tão ruim. Como diria Oswald de Andrade, um livro destinado ao matadouro. Mas foi bom porque me tirou do boeing petucano. Comecei a me despaulistizar na sociologia e, lá em Apipucos, Gilberto Freyre em 1982 revelou para mim o enguiço: “Meu jovem, despaulistizar-se é muito difícil”. A questão não é psicológica (minha mãe, Dona Adelaide, está enterrada no interior de São Paulo); a despaulistização é de caráter político. Com argúcia e lucidez Nildo Ouriques informa que o roteiro para despaulistizar-se passa pela tomada de consciência latinoamericana, mas esquece Ruy Mauro Marini quando escreve sobre Florestão, como o chamava carinhosamente Darcy Ribeiro. Fato é que Florestan não abriu o jogo (a política é feita por pessoas) que o exílio pós-64 de FHC no Chile era fictício, um *fake*, diria o cineasta Orson Welles. Para os professores e estudantes de ciências sociais

havia um nexo direto entre os alfarrábios feagaceanos e suas aulas subversivas de que resultou o paradeiro de proscrito em Santiago do Chile. A farsa do desterro não foi escancarada por uma questão narcísica, ou seja, vaidade acadêmica da rotina típica dos deploráveis departamentos universitários. Florestan não suportava o fato de que a sociologia da USP de 1955 a 1964 tivesse sido absolutamente inofensiva ao poder, não incomodava em nada a “ordem” estabelecida. O golpe de 64 pegou a Faculdade Maria Antônia de surpresa lendo Sartre e Gino Germani.

A sociologia eurocêntrica e ianquocêntrica, mostrou Gunder Frank, era cúmplice com a mais-valia extraída do resto do país que afluía em São Paulo. Satisfeita com o domínio imperialista do país e da América Latina. O espírito bandeirante foi comparsa do golpe de 64. Ódio e desprezo por Leonel Brizola, Paulo Schilling, Edmundo Muniz, Álvaro Vieira Pinto, Guerreiro Ramos, Franklin de Oliveira, Eduardo Frieiro e tantos outros.

Em 68 houve ocupação das universidades (Paris, Berkeley), no saguão da Maria Antônia se destacou o líder estudantil José Dirceu, a voga da “cultura jovem” com rebeldia e exibicionismo gauchistas. Foi nesse clima que aconteceu (sabe Deus por quais mecanismos) a aposentadoria compulsória de alguns professores da USP em 1969 (FHC regressando do Chile encontrava-se milagrosamente desexilado), ensejando a fabulação de que eram radicais, portanto não mais poderiam lecionar, porque incendiariam a juventude contestatária. Os dois professores “subversivos” eram Florestan Fernandes e FHC. Os comentários sobre essas aposentadorias foram mais eloquentes do que o silêncio vexatório que se abateu nos cursos de ciências sociais sobre a campanha da legalidade de 1961. A aura épica, espalhada por todos os Brasis universitários, provinha dos professores aposentados pelo obscurantismo da ditadura. Foi aí que começou a ser cozinhada a “teoria do autoritarismo” que empolgaria tucanos e petistas. FHC e Florestan não se incomodaram com essa fabulação em torno do anti-autoritarismo, que era uma maneira de tergiversar e não esclarecer as verdadeiras causas históricas do golpe de 64. Glauber Rocha abriu o jogo, escancarou que o seu desentendimento com FHC era de natureza histórica, porquanto o sociólogo não admitia que a origem do golpe de 64 estava na guerra da Tríplice Aliança ocorrida 100 anos antes. O cineasta tinha razão em ambos os acontecimentos havia o papel subimperialista do Brasil. Na guerra do Paraguai, durante o imperialismo liberal inglês, quem financiou a agressão bélica do Brasil, tendo por sócio menor Barão de Mauá, foram os 10 milhões de libras esterlinas do Banco Rothschild.

O historiador Vivian Trías, em *El Império Britânico en la Cuenca Del Plata* assinalou que os 5 anos de Guerra contra Solano López enriqueceram a oligarquia cafeeira, os comerciantes e especuladores do Rio e São Paulo. O capital inglês brindou em Lombard

Street com o sangue dos guaranis, o Barão de Mauá e os fazendeiros lacaios subimperialistas ajudaram a balcanizar a América do Sul. Submisso à diplomacia da Inglaterra, o Império escravagista brasileiro com seus bacharéis e “gramáticos sutis”, como diria Jorge Abelardo Ramos, efetivou o ignóbil genocídio do povo paraguaio. A montagem dialética glauberiana é haurida das lições de Eisenstein ao colocar o sociólogo pelado na fronteira do Paraguai com o seu corpo pintado de urucum e jenipapo. Rothschild está impecavelmente vestido de dandy a charlar com Barão de Mauá, então troque-se Rothschild por Rockefeller e Barão de Mauá por Magalhães Pinto, aí temos o golpe de 64 produzido pelo imperialismo do capital monopolista para converter o Brasil em satélite subimperialista de Washington na América Latina. A guerra do Paraguai, “guerra de bosta” como disse o argentino Alberdi, foi tão balcanizadora da Pátria Grande quanto o golpe multinacional de 64.

Nildo Ouriques poderia ter feito a redução sociológica à Guerreiro Ramos, tendo por matéria a história do Brasil, mas cochilou na inexistente polaridade entre o FHC schumpeteriano e o Florestan leninista. Desde 1969 foram mistificados os adversários democratas da ditadura, a qual perdeu o seu conteúdo de classe na divisão internacional do trabalho. Assim, tudo estaria, segundo a lógica do cretinismo parlamentar, resolvido com as Diretas Já do doutor Ulisses Guimarães, parlamentarista logo depois do golpe de 1964. Depois de Francisco de Oliveira ter se bandeado do CEBRAP para o petismo, Ulisses Guimarães nas horas etílicas do *poire* elogiava a nobiliarquia da UDN de macacão.

O livro de Nildo Ouriques é importante para mostrar que a revisão das ciências sociais desdobra na crítica da política de Estado e no que há de enganação na vida intelectual, onde se troca gato por lebre. O idioma sociológico é cúmplice do subdesenvolvimento e da fome. Sabemos, não só aqui no Brasil, que as ciências sociais não subservientes ao poder e altamente corruptivas como se queixava Darcy Ribeiro, que era o fazedor de universidades. Glauber Rocha foi contra o racionalismo anti-eros das ciências sociais e sublinhou a superioridade cognitiva do romance nordestino de 1930 (Graciliano Ramos e José Lins do Rego), cuja linguagem deveria ser estudada nas ciências humanas, caso contrário seria impossível a resistência contra os computadores envenenados que matam a ideia e o estilo.

Jorge Abelardo Ramos que, entre outras virtudes, detestava a sociologia acadêmica (haverá por acaso outra?), lembrava que lá por 1958 aportou na universidade de Buenos Aires Gino Germani inaugurando a carreira de sociólogo com o seu positivismo made in U.S.A. Classificou Perón como “fascista de esquerda”, o que foi aplaudido por Golbery, o general da Dow Chemical que desde 1952 queria derrubar (com a ajuda de Rockefeller) Getúlio Vargas, o Mussolini de São Borja, segundo os discípulos de Francisco Weffort. Gino Germani lançou

outra pérola, imbuído do padrão científico da sociologia, identificou nacionalismo com populismo. Esse sociólogo italiano (por pouco não foi convidado para palestrar no “Seminário do Marx”, chez Arthur Gianoti) fez durante anos o maior sucesso no curso de ciências sociais em São Paulo, um dos membros do projeto Camelot da CIA e que inoculou nos jovens FHC e Weffort um ódio mortal ao peronismo. Esse ódio foi espalhado pelo guru de José Serra e Maria da Conceição, o anglófilo Raul Prebisch, mamulengo da City, admirado pelo jovem Guido Mantega no Cebrap, na razão inversa de sua ojeriza por Marini e Frank.

A história das ciências humanas não pode deixar de incluir a sabotagem na “fábrica das notoriedades” e dos “heróis de salão”, como dizia Trotsky em seu livro sobre o fascismo na Alemanha. Enquanto o argentino Arturo Jauretche, o Oswald de Andrade peronista, conceituava o caudilho como o sindicato do gaúcho, o ascético Gino Germani assemelhava-se ao democrata e republicano Sérgio Buarque de Holanda avesso ao caudilho condutor das massas. Afinal, como diria o historiador Vivian Trias, mestre de Paulo Schilling e de Eduardo Galeano, há caudilhos revolucionários e libertários na América Latina. Na década de 50, obcecado por implantar um padrão moderno e científico na sociologia (padrão na verdade eclético e refratário à oralidade do folclore), Florestan Fernandes ficou seduzido por Gino Germani e desconheceu o anti-imperialista Arturo Jauretche, que sabia de economia tanto quanto Lord Maynard Keynes, o anti-comunista sobre quem Prebisch escreveu um manual de introdução que deixou Celso Furtado com água na boca em Cambridge.

O intelectual brasileiro é tão heteronomicamente condicionado pelo que acontece fora do país que a crise soviética em 1989 trouxe um desencanto sinistro com o marxismo, a esquerda colonizada perdeu o rumo, o imperialismo passou a ser palavra suja. A preocupação exclusiva da universidade e dos partidos proletários se concentrou na democracia como Lâmpada de Aladim para resolver todos os problemas. Aquilo que era túbio nas ciências sociais, a reflexão sobre o imperialismo, sumiu de vez. A verdade é que as ciências sociais no Brasil não deram (excetuando o estudo de Marini sobre o regime de trabalho) nenhuma contribuição ao conhecimento do capital monopolista. Ora, como este é abrangente, como o imperialismo é a realidade total, então as ciências sociais resvalam na mera aparência fenomênica, para evocar Lukàcs de *História e Consciência de Classe*.

### **Musa de Wall Street**

Nildo Ouriques considera Celso Furtado (ao contrário dos católicos João Pedro Stédile e Francisco de Oliveira) um economista pequeno-burguês, apaulistado nos cafés parisienses com o comensal Allan Touraine, que foi a favor de uma reforma agrária *diet*, segundo Paulo

Schilling, colaborando a análise de Gunder Frank. O que Celso Furtado queria, de acordo com Gunder Frank, era evitar a revolução socialista no Brasil, da qual tinha pânico, preferindo o subdesenvolvimento capitalista. Não é por acaso que, desde o período janguista, Leonel Brizola esteve em conflito com Celso Furtado, o ideólogo do pacote tecnológico importado, segundo Bautista Vidal, para quem os cepalinos tinham um cogito colonizado na área da ciência.

O plano Trienal de Santiago Dantas e Celso Furtado mesclava concessões ao imperialismo e medidas impopulares internas. Foi elogiado pelo PC e pelo Pravda de Moscou. Somente Leonel Brizola e o grupo gaúcho da reforma agrária desmascaram a dupla. Celso Furtado nunca perdoou Gunder Frank por sua crítica, e sem dúvida foi responsável pelo autor de *Desenvolvimento do Subdesenvolvimento* não ter sido lido pela juventude sem-terra. Muita gente de prestígio nas ciências sociais tem atrás de si apócrifas obras completas. O exemplo vem da Argentina, dizia Arturo Jauretche. É que Raul Prebisch assinou como autor os textos que lhe deram prontos. A pérfida flegma britânica divulgou, quando Prebisch dirigia o Banco Central na Argentina (“he is a honest man”), tal qual de Boston vinha a fama de gênio de Henrique Meirelles para o Banco Central petista, o que fez Leonel Brizola interditar a participação do PDT no governo Lula. O plano Prebisch, inspirador dos planos Cruzado e Real, não foi escrito por ele, que em 1955 desceu do avião em Buenos Aires vindo direto de Londres para assumir a presidência do Banco Central, o Estado dentro do Estado. Seguramente aconteceu a mesma coisa, variando a bibliografia anglófila, com o pacote cipayo de Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, sem que tivesse tido com Lula momentos de lazer e convívio em São Bernardo do Campo.

Em seu livro Nildo Ouriques dá a impressão de que um dia teria havido um PT – Petrogrado – revolucionário que desafortunadamente desfibrizou-se nos correios reformistas de Ribeirão Preto. O que foi transmitido à juventude universitária na década de 70 (Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Marilena Chauí) é que o PT trazia o marxismo para a madura classe operária industrial da São Paulo multinacional. Vá lá o oximoro terrível, o udenomarxismopetista deu graças a Deus que os exilados (Brizola, Darcy, Eduardo Moniz, Neiva Moreira) não pudessem pôr os pés por aqui, representantes de uma classe operária dopada em chimarrão. É que classe operária na acepção verdadeira era a de São Paulo industrial que sabia fazer greve.

O louvável ímpeto revisionista de Nildo Ouriques se deu depois de estudar Guerreiro Ramos, cuja redução sociológica tem afinidade anti-colonialista com a antropofagia de Oswald de Andrade, para não recuar à obnubilação brasílica de Araripe Júnior discorrendo

sobre o poeta barroco Gregório de Matos. Nas ciências sociais a oposição formal à ditadura foi informada pelo CEBRAP protestante e pelo IUPERJ católico, ambos expressando-se pelo código da telenovela que moldou o tradeunismo do ABC paulista. Poder-se-ia objetar que a influência do código telenovelistico não se aplica a FHC que, crescidinho depois de 1965, não iria perder seu tempo vendo telenovela. Acontece todavia que não é preciso ver telenovela para ser subjetivamente produto da mesma. A telenovela é o sonho em comum do manager tucano com o macacão petista. O petucanismo é a fusão do *homo telenovelicus* com léxico automobilístico e jargão tecnicista, segmento, estatística, investimento, sociedade civil, escala competitiva. Paul Baran e Paul Sweezy já haviam alertado que era cancerígeno o crescimento do complexo automobilístico nos Estados Unidos.

A história que deixa de lado as vítimas e os derrotados não vale coisa alguma. Reparem os vaidosos tucanos, essa mistura de snob crematístico com granfino de telenovela, eles não se interessam senão pelos vitoriosos. Estes é que têm razão porque são espertos e merecem aplausos; afinal, qual é a parte do Brasil que vence? O tesão deles é pelos ricos. Os clichês e lugares comuns tucanos não são diferentes do pendor mercantil petista. Lula fala frequentemente em “vender ideia”, o que pressupõe, como diria o Gianoti do Gianete, o mercado de idéias, assim a trapaça do comercio aparece na linguagem e no pensamento.

A televisão está ancorada nos anúncios do setor exportador da economia. Tudo vai bem quando o Estado aciona a política exportadora da televisão. Por isso nunca houve atrito entre os governos (militares e civis) com o sistema televisivo desde 1964. De Castelo Branco a Dilma o clima é de lua de mel entre Estado e comunicação de massa, ambos delegados do capital internacional com linguagem desenvolvimentista e tecnocêntrica, observável tanto na FIESP quanto no ABC. É essa a forma e o conteúdo do capitalismo videofinanceiro. Seu espectro era Leonel Brizola que antes de 1964, foi ameaçado pela emenda Hickenlooper nos Estados Unidos por causa de seu nacionalismo anti-imperialista no governo do Rio Grande do Sul.

Há um fio da história pela direita que vai da Standard Oil à telenovela do crédito. A casa grande tucana e a senzala petista ganham as eleições com os signos da telenovela e com a ajuda das pesquisas corruptas. É difícil afirmar com certeza se a hegemonia paulista está em colapso ou em alta. O PT não é o oposto da concentração e da centralização do capital em São Paulo. Nenhuma força política está em oposição a esse poder multinacional. A Rede Globo é tão multinacional e paulista quanto a TV Bandeirante, Record, Silvio Santos. A burguesia carioca, mercantil, rentista e imobiliária, não ganhou até hoje um perfil autônomo de classe. A burguesia portuária e parasita do Rio de Janeiro continua a mesma de Carlos Lacerda. A

transformação social do Brasil exige o ocaso da hegemonia paulista, mas é possível entender o “colapso” a que se refere Nildo Ouriques em âmbito universitário com os figurões e as figurinhas intelectualmente desmoralizados, sobretudo por causa do petucanismo no poder: o PT no governo e o PSDB no controle das empresas de comunicação. A guerra fria entre os dois partidos (incluindo a mediação cafajeste do PMDB) traz o acordo tácito de que o capital estrangeiro é sagrado.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *A Crise da Filosofia Messiânica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1950
- BASTIDE, Rogér. *A Sociologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1971
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.
- FRANK, Gunder. *O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Periferia, 1972
- HERNÁNDEZ, Juan José. *Peronismo y Socialismo*. Buenos Aires: Ediciones Del Pensamiento Nacional, 1991
- MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Editora Icone, 2004
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011
- \_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012
- \_\_\_\_\_. *O Capital*. São Paulo: Editora Pléiade, 1967
- \_\_\_\_\_. *O Dezoito Brumário*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011
- OLIVEIRA, Franklin. *Rio Grande do Sul – Um novo Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960
- OURIQUES, Nildo. *O Colapso do Figurino Francês*. Florianópolis: Editora Insular, 2014
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995
- ROCHA, Glauber. *Riverão Sussuarana*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978
- \_\_\_\_\_. *A Revisão Crítica do Cinema Novo*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 1963
- SCALABRINI, Ortiz. *Bases Para la Reconstrucción Nacional*. Buenos Aires, Editora Plus Ultra, 1965



SCHILLING, Paulo. *Brasil Para Latifundiários*. São Paulo: Editora Diálogo S.R.L, 1967

SILVA, Ludovico. *A Mais-Valia Ideológica*. Florianópolis: Editora Insular, 2013

TRAGTENBERG, Maurício. *Memória de um Autodidata no Brasil*. São Paulo: Editora Escuta/UNESP, 1999.

TRÍAS, Vivián. *El Imperio Británico en la Cuenca Del Plata*. Buenos Aires: Editora Cámara de Representantes, 1988.

TROTSKY, Leon. *O Organizador de Derrotas*. São Paulo: Editora Sundermann, 2010

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979